



PUC  
RIO

ANA MARIA CARPENTER GENESCA

PATOGENIA DAS FOBIAS DE DEFESA: TENTATIVA  
DE RECONSTITUIÇÃO DO MODELO FREUDIANO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1980

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea

CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil

<http://www.puc-rio.br>

ANA MARIA CARPENTER GENESCA

PATOGENIA DAS FOBIAS DE DEFESA: TENTATIVA  
DE RECONSTITUIÇÃO DO MODELO FREUDIANO

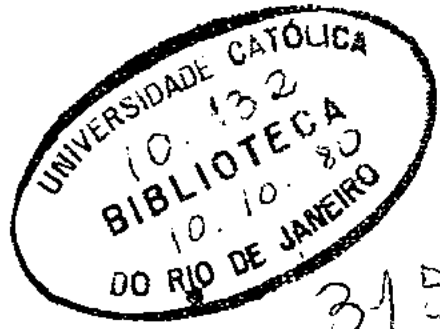
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Carlos Paes de Barros

Departamento de Psicologia  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1980

LM



31555

150  
#324  
MSE UC  
UC-19607-6

A Miguel e Pedro

## Meus agradecimentos

- . A Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.
- . A Carlos Paes de Barros, mestre e amigo pela dedicada, paciente e lúcida orientação.
- . A meus pais, pela compreensão e desinteressada ajuda na busca de um caminho.
- . A você, presença às vezes anônima, pelo apoio e comunhão.

## RESUMO

Este trabalho se constitui numa tentativa de reconstituição do modelo freudiano com relação à patogenia das fobias de defesa. Baseia-se na primeira Topografia do Aparelho Psíquico, proposta por Freud em 1895, e nas revisões críticas de Barros.

O trabalho está construído em seis (6) capítulos de forma a conduzir a leitura desde o mínimo referencial básico das condições de funcionamento do Aparelho Psíquico até o estudo da polaridade obsessão - fobia. Para tal, foram desenvolvidos estudos sobre os conceitos de afeto, angústia, desejo e repulsa, catexe e anti-catexe, imprescindíveis à clarificação buscada.

## ABSTRACT

This dissertation constitutes an attempt to reconstruct the Freudian model in relationship to the pathogeny of the defense phobias. It is based on the first "Topography of the Psychic Apparatus" proposed by Freud in 1895, as well as on the reviews proposed by Barros.

The present work is organized in six chapters leading the reader from the most basic theoretical framework concerning the functioning conditions of the Psychic Apparatus to the study of the polarity obsession-phobia. In order to achieve this and secure the necessary clarification, a research was carried out on the concepts of affect, anxiety, wish & repulsion, cathexis & anti-cathexis.

## SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO .....	1
2 - PRELIMINARES .....	5
3 - PRIMEIRO MODELO - TEORIA DA ANGÚSTIA ECONÔMICA OU AUTOMÁ TICA, DE ORIGEM SOMÁTICA .....	16
4 - SEGUNDO MODELO - TEORIAS SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE REPRES- SÃO E ANGÚSTIA ECONÔMICA E ENTRE ANGÚSTIA SINAL E REPRES SÃO .....	20
5 - COMPULSÃO ASSOCIATIVA .....	29
6 - CATEXE E ANTI-CATEXE: QUANTIDADE OU IMPULSO ? .....	48
7 - CONCLUSÕES .....	60
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	71



## 1 - INTRODUÇÃO

Se um investigador científico estabelece como meta prioritária a clarificação de um campo específico, há que contar com as inevitáveis modificações que, ao longo de seu trabalho, vão se impondo e aceitar as novas vicissitudes, como reestruturações inevitáveis (e certamente benéficas) de seu pensamento, para que melhor se assegure a consecução de seus objetivos. Assim é que o objetivo que pretendíamos inicialmente atingir quando iniciamos nossa tarefa era o de estudar as vicissitudes da angústia na etiopatogenia da neurose obsessiva, dentro da perspectiva dos trabalhos de Freud. Em nossas jornadas sobre sua obra fomos constatando que a preocupação com o fenômeno da angústia emerge quase continuamente desde o início de suas investigações, com alguns de seus trabalhos exclusivamente dedicados ao tema (10, 13, 14, 16, 20, 57, 68, 71) e outros abordando no de forma secundária (8, 9, 12, 15, 33, 48, 49, 50, 51).

Entretanto, apesar da centralidade desse conceito, ficávamos sujeitos ao estilo de Freud, mais literário do que científico, que, muita vez, prejudica o rigor e a precisão conceitual. Por outro lado, sentíamos que o conceito de angústia e suas implicações no processo de formação e desenvolvimento dos quadros neuróticos, ainda que fundamentalmente importante na teoria psicanalítica, era, talvez, um dos menos sistematizados, prestando-se, conseqüentemente, a não poucas interpretações imprecisas e mal entendidos.

Contudo, pela necessidade de fundamentação segura que

a obra científica sempre requer tendo em vista sua própria qualidade, no decorrer do trabalho, tivemos nossa atenção deslocada do eixo angústia para a questão referente ao conceito de deslocamento substitutivo e mais especificamente para a questão referente aos conceitos de catexe e anti-catexe, conceitos esses que mantem relação com aquele se nos atermos a ótica da metapsicologia freudiana. Nossa tarefa tomou matizes de relevância clínica na medida em que culminou levando-nos ao estudo da polaridade obsessão - fobia.

Deste modo, constituiu-se propósito do presente trabalho a tentativa de reconstituição do modelo freudiano da patogenia das fobias de defesa, tendo como base os fundamentos da metapsicologia.

Consideramos importante esclarecer que, apesar de a obra freudiana ter sido consultada na tradução inglesa editada por James Strachey - Standard Edition -, para maior facilidade, optou-se por usar nas citações contidas na redação final, a tradução brasileira desta mesma coleção, editada pela Editora Imago.

Com referência, porém, ao termo catexe, preferimos a proposta de Neves (84, p. 19 nota de rodapé) à forma catexia utilizada na tradução daquela Editora para o termo cathexis, "tradução" de Strachey à palavra "Besetzung". Por outro lado, a terminologia da topografia proposta por Freud em 1895 no Projeto foi sempre preferida às demais e juntaram-se a ela as proveitosas considerações e revisões críticas da obra freudiana feitas por Barros.

Enfim, o trabalho ora presente compõem-se de seis (6) capítulos, além desta pequena introdução, com a seguinte disposição:

No primeiro capítulo inicia-se o leitor na linguagem da Topografia do "Projeto" de 1895, para que possa ser esclarecido o conceito de Afeto e com este mínimo referencial, considerarem-se a Angústia e o Sinal de Angústia.

O segundo capítulo é todo dedicado ao que identificamos como "Primeiro Modelo" ou Teoria da angústia econômica ou automática, de origem somática, tendo-se dado atenção especial aos dois momentos da neurose de angústia e à correspondência que possa ter entre esses momentos, a angústia econômica e a angústia sinal.

O terceiro capítulo ocupa-se das Teorias sobre as relações entre repressão e angústia econômica e entre angústia sinal e repressão - ("Segundo Modelo") - com a discussão altamente relevante se é a repressão que causa angústia ou se a angústia causa repressão.

O quarto capítulo pretende a clarificação do conceito de compulsão associativa e para tal outros conceitos são necessariamente revistos tendo em vista suas implicações com aquele.

O quinto capítulo é todo um estudo sobre catexe e anti-catexe, questionando-se se deveriam ser vistos como quantidade de excitação que transita no Aparelho Psíquico e, neste caso, grandeza escalar, ou como impulso, força e assim, grande

za vetorial.

Finalmente, no último capítulo chegamos, após uma revisão suscinta da etiopatogenia clínica da neurose obsessiva, ao estudo da polaridade obsessão-fobia.

Temos consciência das grandes limitações que o trabalho ainda apresenta, mas temos também consciência da seriedade com que o realizamos, na árdua tentativa de mantê-lo dentro do discurso científico.

## 2 - PRELIMINARES

Baseados nas formulações de Freud sobre a angústia, alguns autores (Green, Laplanche e Pontalis, Sevá e Teixeira) retiraram de sua obra uma, duas ou três teorias, porém, mantêm entre si certa divergência.

Permitímo-nos discordar de algumas destas colocações e no decorrer do trabalho apresentaremos nossa perspectiva.

Dado que para a teoria psicanalítica freudiana a angústia é uma forma particular de afeto, parece-nos útil, entretanto que, antes de entrarmos propriamente nas Teorias da Angústia, procuremos esclarecer o sentido do termo afeto na obra freudiana e, tendo em vista que para tê-lo elucidado faz-se mister expormos algumas proposições da Concepção Topográfica do Aparelho Psíquico de 1895 (19), optamos por, inicialmente, estabelecer um mínimo referencial sobre o assunto.

Uma vez que já existem várias sistematizações bem elaboradas a respeito do assunto (Barros, Malan, Neves, Rabelo, Sã Earp, Trespalacios), utiliza-las-emos, assim como os próprios textos de Freud, nos permitindo, portanto, sermos bastante concisos, ressaltando os conceitos que serão mais úteis à nossa proposta.

Em 1895, procurando estudar o surgimento do Aparelho Psíquico, Freud propõe um Sistema Nervoso hipotético, constituído de uma série de Sistemas Neurônicos acoplados, com estruturas próprias, obedecendo a um critério evolucionista. Podemos ,

primeiramente, dividir o Sistema Neurônico em duas instâncias:

Sistema Neurônico Phi ( $\Phi$ ), de organização simples, ligado a fontes de estimulação exógena (mundo externo), compreendendo neurônios interligados, caracterizados por vias de condução livres, sem nenhuma forma de armazenamento de energia, regido pelo Princípio da Inércia, isto é, os neurônios, segundo um modelo de arco reflexo tendem a evacuar completamente a energia que recebem, fato este que constitui a "função neurônica primária" ou "fuga reflexa".

Sistema Neurônico Psi ( $\Psi$ ), de organização mais complexa, ligado a fontes somáticas de estimulação (fontes endógenas) capaz de armazenamento de energia. Este Sistema Neurônico se diferencia evolutivamente em Sistema Neurônico Psi-nuclear e Sistema Neurônico Psi-pallium.

Sistema Neurônico Psi-nuclear ( $\Psi_n$ )<sup>\*</sup>, ligado a fontes endógenas de estimulação, a polos de descarga motora e ao Sistema Neurônico Psi-pallium, capaz de armazenamento de energia, que recebe o nome de catexe, regido pelo Princípio da Constância, isto é, o sistema tende a manter a um nível constante a intensidade de energia (definida pela relação entre a quantidade de energia e a capacidade estrutural de armazená-la (Q/C)), descarregando para fora sempre que este nível constante for ultrapassado, através de reflexos adequados, filogeneticamente determinados, fato este que constitui a "função neurônica secundária".

---

\* Símbolo introduzido por Barros (notas de aula).

Sistema Neurônico Psi-pallium ( $\Psi_p$ )<sup>\*/\*\*</sup>, conectado com o mundo interno do organismo através do Sistema Neurônico Psi-nuclear e ao mundo externo através dos Sistemas Neurônicos Phi e Ômega, embora fiel ao princípio de manutenção, a um nível constante, da intensidade de energia, está subordinado ao "Princípio de Relações Objetivas" ou "Princípio de Realização de Desejo" (Barros, 1971 e 1975), sendo, portanto, capaz de reter memórias e de aprendizagem, de impulso de desejo e de repulsão.

Ainda em 1895, Freud propõe uma diferenciação funcional do Sistema Neurônico Psi-pallium, o qual estaria regido pelo Princípio de Realidade; trata-se do Ego ou "Sistema Psi-pallium-inibido-pelo-ego"<sup>\*\*\*</sup>. Aqui mantêm-se as condições acima descritas, aumentando apenas o nível da exigência da identidade perceptual, que se fará somente mediante a presença de objeto real<sup>\*\*\*\*</sup>.

Sistema Neurônico Ômega ( $\omega$ ), ligado ao mundo exterior, ao soma e ao psiquismo, composto de neurônios "perceptivos", que exercem a função de percepção a partir de estimulação exógena (qualidades sensoriais), de estimulação endógena (qualidade

---

\* Símbolo introduzido por Barros (notas de aula).

\*\* Corresponde, nas demais concepções topográficas do Aparelho Psíquico ao Primeiro Sistema Psíquico - 1900, ao Sistema Inconsciente - 1915, e ao Id - 1923.

\*\*\* Expressão proposta por Barros (1); corresponde, nas demais concepções topográficas do Aparelho Psíquico: ao Segundo Sistema Psíquico - 1900, ao Sistema Pré-Consciente / Consciente - 1915, e ao Ego - 1923.

\*\*\*\* Na linguagem de 1923, isto corresponde à identidade de pensamento - inibição imposta pelo 2º Sistema às demandas do 1º atuando como fator de correção do Processo Primário (26, 84).

de prazer e desprazer) e de estimulação endopsíquica (qualidades verbais e de pensamento). Esse sistema Ômega é responsável pelas indicações de realidade (19).

Uma vez introduzido estes elementos, cremos poder iniciar o exame do termo afeto na obra freudiana, onde assume várias acepções diferentes. Em algumas acepções, afeto é um fenômeno que ocorre fora do psiquismo, e em outras é um fenômeno psíquico.

1. Toda vez que ocorre em Psi-nuclear uma elevação do nível de catexe acima do nível de constância por liberação de energia de fonte endógena (seja por tensão de necessidade, seja mobilizada pelos neurônios secretores) ou por um afluxo de energia de fonte exógena, configura-se uma situação de desprazer.

Toda vez que o nível de catexe volta ao nível de constância, configura-se uma situação de prazer.

Afeto refere-se a estas situações de desprazer e prazer no Sistema Psi-nuclear, que chamaremos, por falta de melhor termo, "afeto nuclear" (1) e que corresponde aos termos "Unlust/Lust", "unpleasure/pleasure", "desplacer/placer".

2. Toda vez que o nível de catexe em Psi-nuclear eleva-se acima do nível de constância ter-se-á como resultado uma tendência à descarga. De acordo com a experiência, a primeira via, embora não a única, a que se recorre em tal processo, apesar de não impedir a persistência do afluxo de energia, é a (visceral) que conduz a alterações internas (choro, grito, inervação vascular, etc.) (19, item 11), produzindo uma "expressão de emoção".



Afeto refere-se a esta descarga visceral ( expressão de emoção), que chamaremos, por falta de melhor termo, "afeto nuclear-somático" \* e que corresponde aos termos "Ausdruck von Gemütsbewegung", "expression of the emotion", "expresión de las emociones", "expressão das emoções".

3. Cada uma das oscilações tensionais em Psi-nuclear e as descargas viscerais são percebidas a nível de aparelho psíquico pelo Sistema Neurônico Ômega, responsável pela atribuição de qualidade.

Afeto vai referir-se a esta percepção em Ômega e que corresponde aos termos "Gefühl", "feeling", "sensacion", "sentimento".

4. Esta percepção é acompanhada por um registro - engrama mnêmico - a nível de Psi-pallium.

Afeto vai referir-se a este registro em Psi-pallium denominado "Affektbildung", "affective structure", "productos afectivos", "estrutura afetiva".

5. Este engrama mnêmico, por um processo de evocação ou de re-percepção, pode vir a ser energizado por uma certa quantidade de excitação ou quantidade de catexes \*\*, que lhe atribui determinada intensidade psíquica. Quando sob esta intensida

\* Expressão proposta por Barros em comunicação pessoal.

\*\* A esta quantidade de excitação ou quantidade de catexes, designada por Freud de "Affektgrösse", corresponde uma intensidade de afeto, Soma de Excitação ou Cota de Afeto ( Affektbetrag). Freud, às vezes, utiliza do termo "Affekt" para designar tanto Affektgrösse como Affektbetrag.

de psíquica, este engrama passa a apresentar-se como uma experiência psíquica emocional.

Afeto refere-se a esta experiência psíquica emocional denominada "Affektzustand", "affective state", "estado afetivo", "estado afetivo".

O terceiro passo a ser dado ainda nestas considerações preliminares é o de nos determos no exame dos conceitos de Angústia Econômica ou Automática e Sinal de Angústia\*. Embora estes conceitos estejam vinculados, na obra freudiana, a Teorias de Angústia, optamos por tratá-los aqui isoladamente uma vez que as Teorias de Angústia, serão objeto central de nossa atenção nos próximos capítulos.

#### Angústia Econômica ou Automática:

Esta expressão é por Freud introduzida em 1926 em seu trabalho "Inibição, Sintoma e Ansiedade", e ganha em compreensão na medida em que for confrontada com outra noção introduzida, também, no mesmo trabalho, a de "sinal de angústia".

Apesar da referência explícita ao conceito se dar tardiamente, vamos encontrar seus antecedentes já em 1893 (12). Esta noção estaria esboçada nos manuscritos B, E, F, G, J, dirigidos a Fliess, nos primeiros trabalhos sobre fobias (9), no Projeto (19), em Além do Princípio do Prazer (59), mas sobretudo nos dois artigos básicos sobre a Neurose de Angústia (10, 20).

O conceito básico subjacente a estes artigos, sobre o

---

\* Utilizaremos indistintamente os termos "angústia" e "ansiedade" ambos como tradução do original alemão "Angst".

qual Freud erige esta primeira proposição sobre angústia, é o de tensão física represada - energia acumulada. Tratar-se-ia, segundo ele, de um processo puramente bio-físico. A ocorrência da angústia dar-se-ia quando o sistema nervoso é submetido a um intenso afluxo de energia, que ultrapassa, um valor definido como limiar de tensão, e que não encontrando, ou encontrando insuficiente derivação psíquica procura as vias de descarga visceral. Esta elevação de catexis, no Sistema Nervoso, acima do valor limiar desorganiza a capacidade responsiva do Psiquismo, não oferecendo condições para a emissão da resposta adequada, seja "reflexo adequado", "conduta apetitiva" ou "reflexo de fuga" ou "conduta evitativa", provocando uma descarga emocional desorganizada.

Esta situação em que o Aparelho Psíquico se encontra, confrontado com um afluxo de excitação no Sistema Nervoso que lhe é excessivo, frente à sua capacidade de tolerância e à sua capacidade de controlar e elaborar esta excitação, é denominada por Freud "situação traumática".

Se a angústia econômica se dá por este afluxo de energia, caberia perguntarmos o que o deflagra, em que circunstâncias ocorre, que características apresenta.

Vamos ver que este incremento de excitação pode se dar tanto por atuação de fonte endógena como, por atuação de fonte exógena. Mas, para uma melhor clarificação, cremos ser útil voltarmos nossa atenção, mais uma vez, para a formulação de Freud de 1895 (19), especialmente no que diz respeito aos processos análogos e quase simétricos da Experiência de Satisfação e Expe

riência de Dor.

Experiência de Satisfação: quando estamos submetidos a um estado de tensão de necessidade (tensão proveniente de uma fonte somática) produz-se, no Sistema Psi-nuclear, uma elevação do nível de catexes até um ponto além do nível constante em que é provocada a descarga deste aumento de catexes, que, em situações normais, se dará pelo desencadeamento da descarga visceral (expressão de emoção) e da ação específica sobre o objeto adequado, única capaz de satisfazer à exigência da fonte somática, em outras palavras, satisfazer a necessidade em questão.

Caso isto não ocorra, a situação tende a se perpetuar. A tensão de necessidade continua instalada e em consequência continua a elevar-se o nível de catexes que, ultrapassando o limiar de tensão, configura uma situação traumática com sua descarga visceral (expressão de emoção) específica.

Neste caso estamos frente à angústia proveniente do afluxo contínuo e não súbito de energia de fonte endógena (Tensão de Necessidade) - Angústia Instintiva (68).

Experiência da Dor:

Dor: a dor dar-se-á todas as vezes em que um excesso de energia provinda do exterior (fonte exógena), seja pela atuação de um objeto hostil, seja por uma solução de continuidade nas barreiras protetoras das terminações externas, atinge o Sistema Psi-nuclear provocando uma elevação rápida e acentuada do nível de catexes acima do ponto constante, provocando a descarga deste aumento de catexes que, em condições normais, se dará

pelo desencadeamento da descarga visceral (expressão de emoção) e do reflexo inato de fuga.

Caso esta entrada de energia provoque uma elevação do nível de catexes acima do limiar de tensão, configura-se uma situação traumática com sua descarga visceral (expressão de emoção) específica.

Estamos frente à angústia proveniente do afluxo contínuo e súbito de energia de fonte exógena - Angústia Real (68).

Afeto: além da dor, tal como caracterizada, há uma outra forma do Aparelho Psíquico receber repentinamente grandes quantidades energéticas com elevação rápida e pronunciada de seu nível de catexes. Este processo, a que Freud atribui o nome de afeto (19), tem como pré-condição a vivência da dor\*.

Nesta proposta freudiana, afeto vai corresponder à esta elevação rápida e acentuada do nível de catexes no Sistema Nervoso, a partir do recebimento repentino de excesso de energia liberada no soma pelos neurônios secretores em virtude da re-catexização da memória do objeto hostil, seja por sua re-percepção, seja pela evocação de sua memória.

Caso este assomo de energia provoque uma elevação do nível de catexes acima do limiar de tensão, configura-se uma situação traumática, com sua descarga visceral (expressão de emoção) específica.

Estamos frente à angústia proveniente do afluxo contínuo

---

\* Esta é mais uma acepção do termo "afeto" distinta das anteriormente mencionadas (cf. p. 8-9).

nuo e súbito de energia de fonte endógena (mobilizada pelos neurônios secretores) (19).

Sumarizando diríamos que, quando se estabelece a situação traumática (isto é, o nível de catexes ultrapassa determinado limiar de tensão), a energia acumulada sofre uma descarga visceral por vias específicas, que provocará manifestações somáticas que correspondem à "expressão de emoção" desse afeto particular que é a angústia. O termo angústia econômica vai se referir, em Freud, tanto à situação traumática ("angústia nuclear") como à descarga visceral que a acompanha ("angústia nuclear-somática").

Reportando-nos ao que vimos ao desenvolver as diversas concepções de afeto (cf. p. 8-9), podemos afirmar que este fenômeno é percebido a nível de Aparelho Psíquico pelo Sistema Neurônico Ômega ("feeling de angústia") - componente primeiro e principal do ataque de angústia. Esta percepção deixa um resíduo mnêmico (estrutura afetiva de angústia) que, eventualmente, por um processo de evocação ou re-percepção, pode adquirir certa intensidade psíquica passando, então, a apresentar-se como uma experiência psíquica emocional ("estado afetivo de angústia", "estado angustioso").

Desse modo, a angústia econômica corresponderia a uma primeira experiência de angústia vivenciada pelo sujeito a partir da qual o psiquismo se encontra portador de resíduos mnêmicos (afeto penoso).

Tratar-se-ia, então, de saber, o que constitui o sinal de angústia.

Angústia Sinal:

Apesar deste conceito vir sendo esboçado desde 1895 (19, p. 432, 471-472), passando pelo artigo "O Inconsciente" (51, p. 210) e pela Conferência XXV (57, p. 460s), até vir a ser introduzido explicitamente como expressão em 1926 (68), Freud, em alguns momentos, nos deixa em dúvida se sinal de angústia refere-se ao engrama ou à sua evocação, em outras palavras, refere-se à estrutura afetiva ou ao estado afetivo. Até onde conseguimos entender, refere-se a ambas as coisas. Freud ora emprega a expressão - sinal de angústia - para designar a estrutura afetiva, ora para designar sua evocação (estado afetivo). Mas diríamos que esta expressão é empregada com muito mais propriedade quando utilizada nesta segunda acepção; somente quando evocada a estrutura afetiva de angústia torna-se possível sua função sinalizadora.

Tendo em vista as considerações até agora desenvolvidas em torno destes dois pilares - angústia econômica e angústia sinal - podemos nos permitir tecer considerações em torno das Teorias da Angústia a partir da obra freudiana.

### 3 - PRIMEIRO MODELO - TEORIA DA ANGÚSTIA ECONÔMICA OU AUTOMÁTICA, DE ORIGEM SOMÁTICA

Tomamos como ponto de partida a formulação proposta por Freud nos trabalhos que se estendem de 1893 a 1895 (9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 19, 20), período em que se mostra particularmente interessado na relação da angústia com a tensão física represada - energia acumulada -, tratando-se, segundo Freud, de um mecanismo puramente físico sem relação com o psíquico.

A fim de nos situarmos melhor com relação a esta primeira teoria vamos examinar mais detidamente seus artigos sobre a neurose de angústia (10,20), trabalhos centrais desta concepção.

A partir da observação da ocorrência de um grupo de sintomas muito próximos e conectados entre si e agrupados em torno de um principal - a angústia - (critério nosográfico) , apresentando condições e fator etiológico particulares (critério etiopatogênico), Freud sugere destacar e separar da neurastenia um síndrome que recebe o nome de "neurose de angústia".

De acordo com Freud, "o mecanismo da neurose de angústia deve ser procurado num desvio da excitação sexual somática da esfera psíquica e num conseqüente emprego anormal desta excitação" (10, p. 108). Esta conceituação do mecanismo da neurose de angústia clarifica-se se recorreremos ao que vimos sobre a visão freudiana do funcionamento do aparelho psíquico com base no Projeto (cf. p. 12-13). A neurose de angústia aponta para uma alteração deste funcionamento. Vejamos, então, como se dá ,



segundo Freud, o processo sexual.

No organismo sexualmente maduro, quando submetido a um estado de tensão de necessidade sexual, produz-se em Psi-nuclear uma elevação do nível de catexes que, ultrapassando o valor constante, é derivada pelo psiquismo, convertendo-se em estimulação de ordem psíquica. As representações sexuais são energizadas provocando um estado psíquico de tensão libidinal (10, p. 108), instalando-se, em virtude do Princípio de Constância, uma urgência no sentido de sua redução, o que só é possível através da ação específica - o coito (10, 13, 15, 19).

Na neurose de angústia, a excitação sexual, por não encontrar suficiente derivação psíquica, se vê impedida de encontrar as vias para efetuar a ação específica, acumulando-se ("angústia nuclear") e descarregando-se sub-corticalmente ("angústia nuclear-somática") conduzindo a uma disfunção poli-visceral. O ataque de angústia vai reproduzir, segundo Freud, toda uma série de manifestações somáticas concomitantes ao ato sexual, como alterações circulatórias, respiratórias, genito-urinárias, vasomotoras, etc. As vias subsidiárias de descarga da tensão sexual se tornam privilegiadas, substituindo a via principal (13, p. 124).

Respaldado nestas constatações, Freud afirma que a fonte de angústia, na neurose de angústia, não pode ser buscada na esfera psíquica pois reside incontestavelmente no âmbito somático, e proviria de ocorrências atuais relativas à vida sexual do indivíduo como, por exemplo, o emprego de práticas anti-concepcionais.

Podemos, então, reconhecer inequivocamente o pilar sobre o qual está erigido este primeiro modelo: angústia econômica ou automática, de origem somática.

Mas Freud, apesar de não apreciar o assunto com a clareza que seria desejável, deixa entrever a existência e a importância, em outra etapa, da participação psíquica na neurose de angústia quando afirma que o "sintoma nodular da neurose de angústia é a expectativa ansiosa" (10, p. 93).

Estaria Freud se contradizendo? Parece-nos claramente que não. Se o que vimos ao desenvolver o conceito de angústia econômica (p. 13-14) é verdade, devemos esperar encontrar necessariamente na neurose de angústia participação psíquica, a partir da percepção da angústia econômica pelo Sistema Neurônico Ômega e do resíduo mnêmico deixado em Psi-pallium (sinal de angústia). Em realidade, destacaríamos dois momentos na neurose de angústia.

Sendo uma neurose atual, não há participação psíquica no processo de elaboração sexual, não há participação psíquica na gênese da angústia econômica. A chave de sua patogenia deve ser realmente buscada na esfera somática. Diríamos então, que este primeiro momento da neurose de angústia ocorre por falta de participação psíquica na elaboração da excitação sexual somática.

Mas, a partir do momento que o evento da angústia econômica é percebido pelo Sistema Neurônico Ômega e registrado em Psi-pallium, passamos a nos defrontar com um segundo momento da neurose de angústia onde há plena participação psíquica. O aparelho psíquico passa a operar com o engrama mnêmico da

angústia (estrutura afetiva) - sinal de angústia, que pode ser posteriormente ativado (estado angustioso) chamado também e com mais propriedade de sinal de angústia.

Uma vez ativado, ele pode se associar a qualquer engrama ideativo disponível (expectativa ansiosa) . Quando esta associação ocorrer em relação a idéias, objetos ou situações instintivamente ameaçadores e aversivos, comuns à espécie humana, teremos o que Freud denominou fobias típicas comuns. Quando esta associação ocorrer em relação a idéias, objetos ou situações presentes no momento da situação traumática, teremos o que Freud denominou de fobias típicas contingentes. Quando esta associação ocorrer em relação a uma representação referente a uma experiência de satisfação, estaremos frente a um "conflito psíquico", sobre o qual pode vir a se desenvolver uma psicose. Estas considerações são de particular importância para nosso trabalho e serão retomadas oportunamente.

Sumarizando diríamos que a neurose de angústia é uma neurose atual, "somato-neuro-somática", onde os eventos neurosomáticos (situação traumática e descarga visceral) são imediatamente captados pelo psiquismo gerando sintomas predominantemente psíquicos - expectativa ansiosa, ataque de angústia, fobias - que apresentam como traço comum e característico o fato de não se poder reconhecer nas representações eventualmente associadas um substituto simbólico de uma representação reprimida. A neurose de angústia comporta então ambos os conceitos: de angústia econômica no primeiro momento e de angústia sinal no segundo momento.

#### 4 - SEGUNDO MODELO - TEORIAS SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE REPRESSÃO E ANGÚSTIA ECONÔMICA E ENTRE ANGÚSTIA SINAL E REPRESSÃO

Tomamos como ponto de partida as formulações propostas por Freud nos trabalhos que se estendem de 1895 a 1932 (26, 29, 31, 32, 33, 48, 49, 50, 51, 57, 68, 71), período em que se mostra particularmente interessado na relação da angústia com a repressão, tratando-se, segundo Freud, do mecanismo que aparece nas psiconeuroses, onde o fator psicológico está necessariamente presente.

Nestes termos, o papel da angústia no processo psicopatogênico pode ser estudado em dois aspectos, obedecendo esse exame, inicialmente, a um critério cronológico tal como aparece na obra freudiana.

##### Primeira Teoria: "Repressão causa Angústia":

Aqui a explicação dada por Freud é a mesma que no primeiro modelo (p. 16); ou seja, a excitação sexual acumulada transforma-se em angústia mas, neste caso, por um outro motivo, a repressão.

Esta concepção é por Freud sustentada até 1920, como se pode constatar em vários de seus escritos (26, p. 359; 620 ; 29, p. 231; 31, p. 66-67; 32, p. 128; 33; 48; 50, p. 179; 51, p. 204; 57, p. 407s).

A fim de nos situarmos um pouco melhor, e acompanharmos a proposta de Freud, vamos examinar mais detidamente seu trabalho sobre o "Caso do Pequeno Hans" (33), estudo central

desta concepção.

Até então, Freud assinalava a presença de sintomas fóbicos em várias afecções neuróticas (8, 22), mas não lhes reconhecia um lugar independente e próprio no sistema de classificação das neuroses. É justamente a partir da análise deste caso que acentua-se a centralidade da fobia no quadro que se apresentava, impondo-se a necessidade de isolá-la como um processo patológico especial. Freud passa então a designar as fobias, similares às do Pequeno Hans, como "histeria de angústia", sublinhando, assim, a sua semelhança estrutural com a histeria de conversão, salvo em um ponto. Na histeria de angústia, "a libido, desligada do material patogênico pela repressão, não é convertida, ou seja desviada para uma inervação somática, mas é posta em liberdade em forma de ansiedade" (33, p. 122-123).

Com efeito, nas três psiconeuroses transferenciais, a repressão atua no sentido de separar uma idéia ou uma estrutura afetiva de um "afeto" (quantidade de catexes, "libido", (cf. p. 9))<sup>\*</sup>. A distinção residiria nas diferentes alternativas de encaminhamento do "afeto" após a repressão: de um lado o desloca-

---

\* Como já apontamos, o Aparelho Psíquico está exposto a estímulos externos (exógenos) e internos (endógenos), sendo estes últimos denominados de "instintos" (Trieb, instinct, pulsion, pulsión, instinto). Apesar de termos consciência que este termo não está isento de ambigüidade, assumindo na obra freudiana diversos sentidos, podemos afirmar que esta estimulação endógena é expressa psiquicamente por duas estruturas (engramas), uma ideacional outra afetiva. Estes engramas quando ativados (catetizados) correspondem a uma idéia e a um estado afetivo. A repressão consiste, justamente, na "desativação" (decatetização) ou "impedimento de ativação" ("impedimento da catetização") dessas estruturas. O "afeto" (quantidade de catexes) assim liberado vê-se impelido a buscar novas vias.

mento - neurose obsessiva -, por outro lado a conversão - histeria de conversão -, e por outro a transformação em angústia - histeria de angústia.

Mas, poderíamos ainda nos perguntar, como se processa esta transformação ?

O mecanismo que opera na histeria de angústia consiste na transformação do "afeto", que foi separado da idéia, em energia de descarga visceral, dando lugar a sintomas que configuram o "ataque de angústia".

Mas, para uma melhor compreensão desta questão, faz-se mister nos determos alguns instantes no conceito freudiano de deslocamento.

Como vimos no início de nosso trabalho (p. 6), o conceito freudiano de catexes corresponde ao fator quantitativo (substrato energético) das operações do aparelho psíquico, apresentando dois tipos de movimento:

- 1) deslocamento, dentro do Aparelho Psíquico
- 2) descarga, do Aparelho Psíquico para o soma, através de Psi-nuclear, provocando manifestações viscerais - sistema nervoso vegetativo (musculatura lisa) - e motoras - sistema nervoso de vida de relação (musculatura estriada).

É preciso que se ressalte que na obra freudiana o conceito de deslocamento aparece em duas acepções distintas:

- 1) Deslocamento como movimento de catexes ao longo das vias facilitadas em direção a determinados engramas, e
- 2) Deslocamento como substituição de uma via facilita-

da por outra e seu respectivo engrama (26), o qual denominaremos "Deslocamento Substitutivo" a fim de distinguí-lo de sua outra acepção a que chamaremos simplesmente de Deslocamento.

Por ora, ao falarmos de deslocamento, nos referimos a esta segunda acepção - "deslocamento substitutivo" - que, dito em outras palavras, significa movimento de uma quantidade de catexes susceptível de se desligar de engramas mnêmicos e seguir por vias associativas substitutas em direção a engramas substitutos.

Como temos visto, a primeira situação traumática (real ou instintiva, ontogenética ou filogenética), assim como toda a experiência, deixa em Psi-pallium registros mnêmicos de sua ocorrência, entre os quais a estrutura afetiva de angústia (signal de angústia), que eventualmente podem ser reativados.

Nas psiconeuroses transferenciais ocorrerá sempre um "deslocamento substitutivo". Se não, vejamos.

Na Neurose Obsessiva, o "afeto" que se vê liberado pela repressão desloca-se para certas estruturas substitutas, catexizando-as, permanecendo, porém, adstrito à esfera psíquica. Desloca-se seja para uma estrutura ideacional substituta (idéia obsessiva), seja para uma estrutura afetiva substituta (afeto obsessivo), seja para uma estrutura impulsiva substituta (impulso obsessivo), seja para uma estrutura cinestésica substituta (ato compulsivo).

Na Histeria de Conversão, o "afeto" que se vê liberado pela repressão desloca-se para certas estruturas cinestésicas

substitutas, catexizando-as; o mesmo "afeto" deflagra, então , um processo energético de inervação somática, descarregando-se através das vias motoras, sob a forma de reflexo anômalo ( conversão) \* .

Na Histeria de Angústia, o "afeto" que se vê liberado pela repressão desloca-se para uma estrutura afetiva substituta, no caso uma estrutura afetiva de angústia, catexizando-a (estado angustioso); o mesmo "afeto" deflagra, então, um processo energético de descarga visceral através da musculatura lisa (transformação em angústia). Mas, segundo Freud, o processo da histeria de angústia não para aí. Esta "vai se desenvolver cada vez mais no sentido da "fobia" (33, p. 124), com o objetivo de impedir a liberação da angústia causada pela repressão. O psiquismo passa então a exercer um trabalho no sentido de " ligar psiquicamente mais uma vez a angústia liberada... erigindo barreiras mentais da natureza de precauções, inibições ou proibições; e são essas estruturas protetoras que aparecem para nós sob a forma de fobias e que constituem a essência da doença " (33, p. 124). Isto se dá na medida em que o "afeto" liberado passa a ser deslocado para uma idéia substitutiva, que, embora associada à idéia reprimida, está suficientemente distanciada dela para não ser também reprimida. Este deslocamento do afeto para uma idéia substitutiva, constituindo a fobia, é secundário ao aparecimento de uma angústia livre, não ligada a um objeto.

\* Lembramos que o Sistema Psi-nuclear está em contato com o Sistema Nervoso Periférico - Aferente (sensitivo) e Eferente (motor).

Os fenômenos conversivos que afetam a sensibilidade (anestesia, hiperestesia) decorrem de um refluxo de catexes para a inervação aferente, sensitiva.



Segunda Teoria: "Angústia causa Repressão"

Tomamos aqui como referencial as proposições de Freud do período 1926-1932 (68,71), encontrando sua formulação mais abrangente no artigo "Inibições, Sintomas e Ansiedade", podendo ser resumida nesta afirmação - "Foi a ansiedade que produziu a repressão e não, como eu anteriormente acreditava, a repressão que produziu a ansiedade" (68, p. 131-132). (O grifo é nosso) . Neste momento, como já se encontrava elaborada a topografia do Aparelho Psíquico de 1923 (60), a repressão e a angústia passam a ser referenciadas às instâncias desta nova proposta topográfica (ego, id, superego).

Freud distingue aqui, por um lado, a angústia automática como resultado de uma situação traumática (cf. p. 11), constituindo-se um estado de desamparo (68, p. 167), "protótipo da situação traumática geradora de angústia" (79, p. 156). Por outro lado, distingue a angústia sinal, como resultado de uma ação defensiva do "ego" como reação à uma ameaça de ocorrência de uma situação traumática, constituindo-se uma situação de perigo (68, p.186). Cada situação de perigo vai corresponder a um período particular do desenvolvimento do "aparelho mental " (68, p. 166), mas guardando entre si uma relação: refere-se sempre à perda ou separação de um objeto. (68, cap. VIII)

Esta previsão do perigo é possível na medida em que, como vimos (p. 23), já existem, no psiquismo, registros de situações traumáticas vivenciadas em época anterior. O "ego" passa a ser encarado como sede da angústia, produzindo-a mitigadamente (sinal de angústia) em situações de perigo o que, por sua vez,

desencadeia os mecanismos defensivos do "ego" - entre os quais se encontra a repressão \* - com a intenção precípua de evitar que o Aparelho Psíquico re-experimente uma angústia intolerável, cuja ocorrência define uma situação como traumática. Diríamos, então, de acordo com estas últimas colocações teóricas de Freud, que é a angústia como sinal que provoca a repressão.

Apesar de negar explicitamente sua formulação anterior (68, p. 132-133), Freud parece não estar seguro, se embaraçando ao reconhecer a existência da angústia após a repressão:

"... Além disso, não se pode negar que a libido que pertence aos processos do id está sujeita a perturbação por instigação da repressão. Talvez ainda seja verdade, portanto, que na repressão a ansiedade é produzida a partir da catexia libidinal dos impulsos instintuais. Surge então a questão de como é possível conciliar tal estudo com o da angústia nascida no ego, que é uma angústia do ego que provoca a repressão" (68, p. 132-133).

Estas afirmações contraditórias revelam que Freud tinha dificuldade em abandonar completamente sua formulação anterior, mas que, ao mesmo tempo, não encontrava nenhum meio de conciliá-la com as novas conclusões a que havia chegado.

Na tentativa de clarificar e solucionar este, a nosso ver, aparente impasse, nos uniremos a Sevá (89), Teixeira (90) e Trespalácios (91) no endosso e conseqüente adoção da sistemati-

---

\* "... (o conceito de defesa) deve designar de forma geral todas as técnicas de que o ego se serve em seus conflitos, que podem conduzir eventualmente à neurose, enquanto reservamos o termo repressão para um desses métodos de defesa em particular, que a orientação de nossas pesquisas nos permitiu de início conhecer melhor do que os outros" (68, p.188).

zação proposta por Barros, que engloba as supostas diferentes formulações sobre a angústia num mesmo processo, o processo psicopatogênico.

A partir então desta nova ótica permitimo-nos considerar o segundo Modelo que estamos estudando como compreendendo duas etapas que obedecem ainda a um critério cronológico, porém, agora, tal como aparece no processo psicopatogênico.

Primeira Fase: "Etapa Defensiva" (91)

Esta etapa é comum a todas as afecções psiconeuróticas e corresponde ao que, na ordenação anterior, aparece como segunda teoria.

Recolocando esta fase do processo psicopatogênico sucintamente diríamos que: frente a situações de perigo (cf. p. 25-26) o "ego" reproduz mitigadamente a angústia, através da ativação do sinal de angústia o que desencadeia os mecanismos defensivos do "ego" - entre os quais se encontra a repressão - com o objetivo de evitar que o Aparelho Psíquico re-experimente uma situação traumática.

Segunda Fase: "Etapa da Escolha da Afecção Psiconeurótica" (91)

Esta etapa corresponde ao que, na ordenação anterior, aparece como primeira teoria, não sendo, entretanto, comum a todas as afecções psiconeuróticas. Refere-se a uma das formas de Histeria, à Histeria de Angústia (ou Histeria Ansiosa).

Como vimos anteriormente (p. 21 nota), o "afeto" que se encontra liberado pela repressão vê-se impelido a buscar no-

vas vias, que variam de quadro para quadro, sendo que na Histeria de Angústia esta "nova via" é a transformação em angústia (cf. p. 21-24).

Sumarizando diríamos que a angústia enquanto sinal (afeto penoso) é causa dos mecanismos de defesa, entre os quais se coloca a repressão; e um de seus efeitos é a descarga (econômica) angustiosa.

## 5 - COMPULSÃO ASSOCIATIVA

Tendo em vista os objetivos específicos de nosso trabalho que é o de estudar a patogenia das fobias de defesa, dentro de uma proposta de reconstituição do modelo freudiano, dedicaremos neste capítulo uma atenção especial à compulsão associativa, conceito central para a consecução dos nossos objetivos. Para tal, entretanto, alguns conceitos metapsicológicos precisam ficar adequadamente explicitados visto que são concorrentes à clarificação daquele. Nestes termos, ressaltaremos: facilitação, compulsão à repetição, Processos Psíquicos Primários / Processos Psíquicos Secundários, Princípio do Prazer/Princípio da Realidade, desejo e repulsa e por fim compulsão associativa.

Facilitação:

Voltando à construção hipotética do Aparelho Psíquico (p. 5-7), nos deparamos com sistemas neurônicos que correspondem a sistemas de memória (sistemas mnêmicos) onde não há diretamente uma inscrição qualitativa. É uma montagem susceptível a registrar engramas, sendo que a originalidade de uma inscrição engramática vai ser dada pelo encadeamento de bifurcações neuronais, isto é, pela especificidade das vias seguidas pela energia circulante (19). A especificidade da memória se reduz então à diferença entre vias ou à sucessão de diferenças que faz com que numa primeira bifurcação se escolha determinada via e não a outra. Conseqüentemente, cada recordação se constitui numa constelação única a partir da seqüência de eleições numa série de bifurcações. Neste caso, diríamos, com Freud, que " a

memória está representada pelas facilitações (Bahnung) existentes entre os neurônios  $\Psi$ " (19, p. 401), isto é, que a via seguida pela energia está "facilitada" enquanto que a outra opção resistência, uma "barreira"; ou dito ainda de maneira mais precisa, "a memória está representada pelas diferenças de facilitação entre os neurônios  $\Psi$ " (19, p. 401).

Caberia perguntar-nos agora em que consiste e de que depende esta facilitação ?

A excitação, na sua passagem de um neurônio para outro, depara-se com certas resistências (barreiras de contato (19)) , "estruturas interneurônicas de resistência variável" (88), que tem de vencer. Freud baseia-se na hipótese de que a transmissão do impulso nervoso cria no protoplasma das terminações neuronais um certo grau de diferenciação que agiliza a condução posterior na medida em que torna estas estruturas mais permeáveis. A esta alteração progressiva na resistência oferecida por estas estruturas permitindo que a cada transmissão elas se tornem mais permeáveis para o próximo impulso, Freud denominou processo de facilitação. A facilitação na transmissão do impulso nervoso é resultante do aumento de condutibilidade (permeabilidade) por diminuição da resistência das vias a serem percorridas pelo impulso\*. A diminuição desta resistência pode ocorrer, por um lado, porque a quantidade de energia do impulso supera a resistência oferecida pelas "estruturas interneurônicas", tor

---

\* A inibição na transmissão do impulso se dá pelo processo inverso.

nando-as mais permeáveis, ou por outro lado, porque uma maior frequência de impulsos acarretará maior permeabilidade, na medida em que há uma diminuição da resistência face a um primeiro impulso, mesmo que esta não seja suficiente para permitir, no momento, a condução. Um próximo impulso, de igual magnitude que o primeiro, poderá ultrapassar a resistência, ocorrendo a condução (19, 82).

"No que se refere aos neurônios  $\Psi$ , o fato de cada um deles apresentar várias barreiras de contato permite que cada uma apresente, por sua vez, um grau diferente de facilitação num dado momento, grau este resultante de facilitações anteriores. Isto permite ao impulso selecionar sua via de transmissão, seguindo pela que apresenta maior condutibilidade". (82, p.10)

Essas resistências vão diminuir de grandeza duradoura-mente na proporção em que são vencidas, e temporariamente na medida em ambos os neurônios que se comunicam através dela estão carregados de energia. Essas "estruturas interneurônicas" permitem, então, o fenômeno da facilitação, seja ela permanente (pela passagem de grande quantidade de energia através dela) ou temporária (pelo que Freud chama de facilitação de catexes laterais).

#### Facilitação Permanente:

A passagem de grande quantidade de energia através das "estruturas interneurônicas de resistência variável" - facilitação permanente - se dá em dois momentos característicos: a experiência de satisfação e a experiência da dor.

Experiência de Satisfação: como vimos anteriormente (p.

12), quando estamos submetidos a um estado de tensão de necessidade produz-se, no Sistema Psi-nuclear, uma elevação do nível de catexes até um ponto - acima do Nível de Constância\* - em que é provocada a tendência à descarga deste excesso de catexes, que, em situações normais, se dará pelo desencadeamento da descarga visceral e da ação específica sobre o objeto adequado.

De uma primeira experiência desta natureza, ficam registradas em Psi-pallium : as memórias tensionais - somática e neuronal nuclear -, a memória da expressão de emoção, a memória do objeto externo de satisfação e a memória cinestésica dos movimentos reflexos.

Nesta experiência, as "estruturas interneurônicas de resistência variável" que são vencidas são as que se encontram entre essas memórias. Como essas resistências são diminuídas, estabelecem-se facilitações permanentes de tal forma que, quando as memórias tensionais forem re-energizadas, as catexes tenderão a se deslocar na direção da memória do objeto e da memória cinestésica.

A re-energização das memórias tornará possível a evocação do objeto de satisfação e, conseqüentemente, surgirá um impulso para repercebê-lo ("impulso de desejo" ou "desejo"). Trata-se de um impulso que tende a obter identidade perceptual do objeto de satisfação, condição necessária à descarga reflexa adequada e à satisfação real do desejo.

---

\* Ver tópico "Princípio do Prazer/Princípio da Realidade" p. 38-39.



Experiência da Dor: como vimos anteriormente (p. 12) , o fenômeno da dor é explicado por um excesso de energia provinda do exterior (causado por uma exposição excessiva do Sistema Phi às quantidades de excitação provenientes do mundo externo - objeto hostil) que, ao atingir o Sistema Psi-Nuclear, provoca uma elevação do nível de catexes até um ponto - (Nível de Constância) - em que é provocada a tendência à descarga deste excesso de catexes que, em condições normais, se dará pelo desencadeamento da descarga visceral e do reflexo inato de fuga.

De uma primeira experiência desta natureza ficam registradas em Psi-pallium: a memória tensional - neuronal nuclear -, a memória da expressão de emoção, a memória do objeto externo hostil e a memória cinestésica do movimento reflexo.

Nesta experiência, as "estruturas interneurônicas de resistência variável" que são vencidas são as que se encontram entre estas memórias, estabelecendo-se, entre elas, facilitações permanentes.

Caso ocorra uma re-catexização da memória do objeto hostil, seja por sua re-percepção, seja pela evocação de sua memória, processar-se-á no Sistema Psi-nuclear uma elevação do nível de catexes, não mais pelo recebimento de energia provinda de fonte externa, mas a partir do recebimento de energia liberada pelos neurônios secretores, que atuam sobre as vias endôgenas de condução a Psi-nuclear aumentando nestes as quantidades de excitação \*. Nesta experiência, as "estruturas interneurôni

\* Estado semelhante à dor, mas que não é de dor pois não está sendo exercida uma ação real do objeto hostil sobre o Sistema Phi, a que Freud dá o nome de afeto (cf. p.13-14).

cas de resistência variável" que são vencidas são as que se encontram entre a memória do objeto externo, a memória cinestésica do movimento reflexo e os neurônios secretores, estabelecendo-se, entre eles, facilitações permanentes.

A re-energização das memórias constituintes da experiência da dor provocará o surgimento de um estado de desprazer ao qual se segue, em obediência ao Princípio de Constância, um impulso - "repulsa" ou "defesa" \* - a decaatexizar a memória do objeto hostil.

#### Facilitação Temporária:

Como vimos anteriormente (p. 7), Freud propõe uma diferenciação funcional do Sistema Neurônio Psi-pallium, o qual estaria regido pelo Princípio da Realidade. O ego consiste no conjunto de facilitações extremas e fixas entre um grupo de neurônios o que permite a estes possuir uma massa energética constante armazenada, o que lhe atribuiu uma ação inibitória sobre outros processos que se desenrolam no psiquismo através das catexes laterais ("Nebenbesetzung"), permitindo o uso dos sinais de realidade. Esta inibição se dá por um desvio do curso da energia psíquica em virtude da facilitação transitória de "estruturas interneurônicas de resistência variável" na direção do ego.

---

\* Os termos repulsa e defesa estão aqui sendo usados como sinônimos, o que cabe lembrar é do próprio Freud quando no Projeto chama repulsa de defesa primária. Impõe-se porém, a partir desse momento, em obediência a um maior nível de rigor, proceder à distinção. A defesa se apresenta como uma solução de compromisso, uma tentativa de conciliação entre as duas forças opostas - desejo e repulsa - e metapsicologicamente, como veremos adiante, vai corresponder à instalação das catexes laterais.

Compulsão à Repetição:

Esta noção foi muito discutida por Freud, sendo central em seu trabalho de 1920 - Além do Princípio do Prazer-, onde ele coloca em questão alguns conceitos fundamentais de sua teoria, e emprega esta expressão em sentidos diferentes, sendo portanto difícil de delimitar sua acepção e problemática.

No sentido de clarificar esta noção, lançaremos mão da proposta de Martins (71) que identifica as seguintes acepções desta noção na obra freudiana:

Compulsão à repetição como reencontro da situação de satisfação, isto é, volta ao estado original de tensão mínima (Princípio da Constância).

Compulsão à repetição como repetição de condutas de fuga e de busca de satisfação que se revelam adequadas, a fim de estabelecer facilitações entre representações do objeto e de movimento realizado. É o que se pode chamar de repetição para aprendizagem ou facilitação.

Compulsão à repetição como repetição de condutas aprendidas ou melhor, uso das vias facilitadas.

Compulsão à repetição como repetição de condutas arcaicas, isto é, condutas que foram adaptadas a fases anteriores de desenvolvimento, após o bloqueio das condutas mais recentes. Repetição, neste contexto, corresponde ao conceito de Regressão formal, na medida em que ela se dá nas situações regressivas tais como na formação de sintomas, nos sonhos, na "privação sensorial" e na neurose transferencial dentro da situação analíti-

ca. Enquanto associada à atualização do conflito, a compulsão à repetição reflete duas tendências antagônicas:

- a) Tendência a repetir a repressão (quando o reprimido tenta retornar) porque é desejoso e repulsivo ao mesmo tempo.
- b) Tendência a repetir a des-repressão (quando o reprimido não retorna) porque, na medida em que o desejo está reprimido, há uma tendência a fazê-lo retornar a fim de ser satisfeito.

Processos Psíquicos Primários/Processos Psíquicos Secundários - Funcionamento do Aparelho Psíquico:

Já no início de suas proposições (19, 26) Freud caracteriza dois modos de funcionamento mental - Processos Psíquicos Primários e Processos Psíquicos Secundários - que representam diferentes etapas na evolução filogenética do Aparelho Psíquico.

O Processo Psíquico Primário, específico de um sistema filogeneticamente mais primitivo, se caracteriza pelas facilidades permanentes que ficaram como resíduos das experiências de satisfação e de dor e que possibilitam um escoamento livre de energia (catexes livres), grande mobilidade desta energia, ficando menos inibidos os processos de deslocamento, deslocamento "substitutivo" - com condensação\* e sem condensação -, e des-

---

\* Condensação: mecanismo pelo qual um engrama mnêmico representa outras cadeias associativas, em cuja interseção se encontra, na medida em que pode apropriar-se da carga energética de vários outros engramas (79).  
Deslocamento: cf. p. 22-23.

carga.

"Caracteriza-se também, pela força do desejo que tende a renovar a percepção do objeto de satisfação da necessidade , mediante um processo que independe das condições do mundo externo (percepção alucinatória); e pela força da repulsa que tende à completa e imediata retirada das catexias que energizam a memória do objeto hostil (defesa primária)" (91, p. 35), não garantindo uma verdadeira adaptação uma vez que representam a realidade de modo imperfeito.

O Processo Psíquico Secundário, específico de um sistema filogeneticamente mais evoluído, resulta da organização neu-rônica - ego -, e se caracteriza pela utilização de energia psí- quica ligada (catexe ligada). A mobilidade deste energia catêti- ca é mais inibida, porque é ligada, incidindo sobre os proces- sos de deslocamento, deslocamento "substitutivo" - com condensação e sem condensação -, e descarga. Por um lado inibe, através de facilidades transitórias provocadas pelas catexes laterais, a excessiva catexização da memória do objeto de satisfação - o que provocaria uma identidade perceptual alucinatória - retar- dando a descarga motora e originando a atividade de pensamento, que vai possibilitar a procura do objeto evocado no mundo externo ("desejo secundário") \*. E, por outro lado, inibe, através de facilidades transitórias provocadas pelas catexes laterais, o deslocamento de catexes da memória do objeto hostil para os neurônios secretores limitando sua quantidade de energia e, con

---

\* Termo proposto por Barros - notas de aula.

seqüentemente, a intensidade da defesa subsequente, o que possibilita às memórias associadas à experiência da dor participarem da cadeia associativa ("defesa secundária").

Princípio do Prazer/Princípio da Realidade- Princípios Reguladores do Funcionamento do Aparelho Psíquico:

O Princípio do Prazer aparece na obra freudiana com dois sentidos distintos: como correspondente do Princípio da Constância (Psi-nuclear) e/ou como correspondente dos Processos Primários (Psi-pallium).

No primeiro sentido expressa características termodinâmicas referentes a um princípio de estabilidade de equilíbrio - tendência à descarga. Assim, Prazer e Desprazer correspondem à redução e aumento do nível de tensão no aparelho psíquico.

No segundo sentido expressa características extratermodinâmicas, adquirindo um caráter psicodinâmico. É regulador das atividades que implicam numa interação entre o psiquismo e o objeto. Significa a busca de identidade perceptual (em relação ao objeto de satisfação) e de defesa primária (em relação ao objeto hostil) (1, 2, 19, 26, 41, 49, 59).

O Princípio da Realidade refere-se à possibilidade de retratar adequadamente o real, a partir da capacidade de distinguir acertadamente a realidade psíquica da realidade externa. O Aparelho Psíquico encontra-se capaz de receber informações provenientes do organismo (tensão de necessidade), do mundo endopsíquico (representações mentais) e do meio externo (objetos), atuando como mediador entre as exigências do organismo e do

meio, e permitindo ao organismo como um todo a obtenção da máxi-  
ma satisfação possível, sem prejuízo da segurança e de acordo  
com as condições que encontra ou pode promover no meio externo.

Assim como o Princípio do Prazer é, em uma de suas a-  
cepções, entendido como correspondente dos Processos Primários,  
o Princípio da Realidade pode ser entendido como correspondente  
dos Processos Secundários \* na medida em que, o que caracteriza  
o domínio do Princípio da Realidade é a adequada consideração  
da realidade externa, possibilitada pela distinção entre percep-  
ção e representação, o que depende da inibição dos Processos Pri-  
mários pelos Processos Secundários (3, 41, 60, 67, 80, 81, 87).

#### Os Conceitos de Desejo e Repulsa

##### Desejo:

Até agora designamos por desejo a tendência que tem o  
sujeito a reproduzir a percepção do objeto e de situações que  
satisfizeram a necessidade, em outras palavras, designamos por  
desejo a busca de identidade perceptual - real ou alucinatória-  
em relação ao objeto de satisfação. Mas, numa re-leitura cuida-  
dosa dos trabalhos de Freud, vamos encontrar na Interpretação  
dos Sonhos - parte C - embasamento para afirmar que Freud, como  
aliás lhe é muito peculiar, utiliza o termo desejo em duas acep-

---

\* Esta correspondência vai ser questionada a partir de 1917 em  
suas obras "Suplemento Metapsicológico à Teoria dos Sonhos "  
e "A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose", onde Freud  
passa a diferenciar as instâncias de ocorrência destes Princí-  
pios: Princípio da Constância em Psi-nuclear, Processos Psi-  
quicos Primários e Processos Psíquicos Secundários em Psi-  
pallium, e Princípio do Prazer e Princípio da Realidade em Ô-  
mega.

ções distintas. Neste texto, ao repetir suas formulações do Projeto apresentando uma síntese da Experiência da Satisfação, Freud afirma:

"Em resultado do elo que é assim estabelecido, na vez seguinte em que essa necessidade desperta, surgirá imediatamente um impulso psíquico que procurará recatexiar a imagem mnemônica da percepção e reevocar a própria percepção, isto é, restabelecer a situação original. Um impulso desta espécie é o que chamamos de desejo". (26, p. 602-3)

Como vimos anteriormente (p. 31-32), a partir de uma primeira experiência de satisfação estabelecem-se facilitações permanentes de tal forma que, quando a memória tensional somática é re-energizada as catexes tenderão a se deslocar na direção da memória do objeto de satisfação ("... um impulso psíquico que procurará recatexiar a imagem mnêmica da percepção..." (26, p. 602)). A este "impulso a conduzir catexe", a partir da tensão de necessidade, denominaremos "Primeiro Desejo"\*\* a fim de distingui-lo de sua outra acepção a que passaremos a chamar de "Segundo Desejo"\*\*.

Uma vez evocada, então, a memória do objeto de satisfação surge o "segundo desejo" que, como vimos, é a tendência a obter identidade perceptual - real ou alucinatória - entre memória e percepção do objeto de satisfação, o que é função dos Sistemas Psi-pallium e Ômega ("... um impulso psíquico que procurará ... reevocar a própria percepção..." (26, p. 602)).

\* O grifo é nosso.

\*\* Termos introduzidos por Barros - Comunicação Pessoal.



A satisfação do "primeiro desejo" é tornar vivaz a memória do objeto de satisfação.

A satisfação do "segundo desejo" pode ser um processo exclusivamente endopsíquico se a identidade perceptual se der alucinatoriamente (Psi-pallium, Processos Psíquicos Primários, Princípio do Prazer). Neste caso estamos frente a um "segundo desejo primário". Mas, por outro lado, a satisfação do "segundo desejo" pode depender também do mundo exterior exigindo identidade perceptual com objeto real (Psi-pallium-inibido-pelo-ego, Processos Psíquicos Secundários, Princípio da Realidade). Neste caso estamos frente a um "segundo desejo secundário".

Mas, teríamos uma observação a fazer em relação à afirmativa de Freud acima mencionada. Não nos parece correto dizer que um mesmo impulso seja responsável pelos "dois desejos", na medida que, como vimos, são entidades distintas. O "primeiro desejo" apresenta características mecânicas, e faz parte da cadeia associativa. Já o "segundo desejo" apresenta um caráter psicodinâmico, e só se justifica darwiniana e filogeneticamente como experiência biológica (19). Temos então, na realidade, dois impulsos distintos: um referente ao "primeiro desejo" e outro referente ao "segundo desejo".

#### Repulsa:

Como vimos até agora (p. 33-34), repulsa é a tendência a retirar as catexes que investem a imagem mnêmica do objeto hostil.

Analogamente ao que vimos em relação ao "segundo dese-

jo", a defesa pode ser primária, quando a resultante de sua ação tende à completa e imediata retirada das catexes que investem a memória do objeto hostil \* (Psi-pallium, Processos Psíquicos Primários, Princípio do Prazer) e secundária, quando há uma inibição do deslocamento de catexes da memória do objeto hostil para os neurônios secretores limitando sua quantidade de energia e, conseqüentemente, a intensidade da defesa subsequente, o que possibilita às memórias associadas à experiência da dor participarem da cadeia associativa (Psi-pallium-inibido-pelo-e-go, Processos Psíquicos Secundários, Princípio da Realidade).

Compulsão Associativa:

A distinção que fizemos entre os dois sentidos do termo deslocamento (p. 22-23) e as duas acepções do termo desejo (p. 39-41) nos remete ao conceito de "compulsão associativa".

Como compulsão associativa Freud designa o impulso a conduzir catexes entre os engramas através das facilitaões deixadas pela experiência de satisfação (11, p. 111s, 360; 18).

Mas como vimos (p. 39-41), esta compulsão associativa quando se dá entre os engramas tensionais e o engrama do objeto de satisfação corresponde ao conceito que designamos como "primeiro desejo". Sendo assim, podemos afirmar que, neste sentido, compulsão, obsessão \*\* e primeiro desejo são conceitos sinônimos. Refere-se ao impulso a conduzir catexes.

\* Neste caso é sinônimo de repulsa.

\*\* Lembramos que em alemão só existe uma palavra - ZWANG - empregada e traduzida seja como compulsão, seja como obsessão.

Entretanto, Freud também afirma (11, p.111s, 360; 18 ) que esta compulsão associativa pode conduzir a falsas conexões, isto é, a mudar sua trajetória original, o que nos dá uma idéia bastante mais dinâmica. Em vez de lidarmos apenas com um fio conectador entre engramas específicos, estamos frente a um fluxo, a uma corrente energética, e na medida em que há uma diferença de potencial há uma força compulsiva a circular o que não a prende a uma via, a um canal específico caso outros se interponham.

Voltando aos dois sentidos do termo deslocamento temos: o movimento de catexes ao longo de vias facilitadas em direção a determinados engramas e a substituição de uma via facilitada (trajetória original) por outra via (associativa substituta) e seu respectivo engrama (substituto), podemos constatar que o deslocamento, no primeiro sentido, corresponde à obediência a uma "compulsão associativa", seguindo o fluxo energético por sua trajetória original, isto é, pelas vias facilitadas originárias da experiência de satisfação, podendo corresponder também à uma obediência ao "primeiro desejo" caso nos refiramos a uma parte específica desta trajetória original (memória tensional - memória do objeto de satisfação).

Se é a força da compulsão associativa, do primeiro desejo, que dá conta do movimento de energia (deslocamento no primeiro sentido), caberia perguntar-nos o que daria conta do movimento de trajetória ("deslocamento substitutivo"). Defendemos a tese de que o deslocamento, no segundo sentido ("deslocamento substitutivo"), defensivo, corresponde à obediência a uma defe-

sa contra a angústia, seguindo o fluxo energético, não mais por sua trajetória original, mas desviando-se por outra via facilitada em função da substituição do engrama - meta <sup>\*</sup>, podendo corresponder à substituição de um "primeiro desejo" por outro. Neste último caso, a memória do objeto de satisfação original passa a ser substituída pela memória de um outro objeto.

Vejamos com mais vagar.

Até agora temos tratado em separado as duas modalidades básicas de experiências: a experiência de satisfação e a experiência de dor, ambas representando formas primitivas de relação com objetos satisfatórios e hostis do mundo externo. São experiências ontogenéticas de aprendizagem que vêm atualizar tendências maturacionais presentes a um determinado nível de estruturação filogeneticamente adquirida. E, mediante estas experiências - de satisfação e de dor - serão atualizados e orientados (através do maior grau de facilitação instaurado entre determinadas imagens mnêmicas) os impulsos de desejo e de repulsa.

Neste momento, cabe introduzirmos um terceiro caso, resultante da conjugação, em uma mesma situação, das duas modalidades básicas de experiências. Trata-se da forma de relação com objetos ambivalentes, isto é, com objetos ao mesmo tempo desejados - porque adequados à satisfação - e repelidos - porque hostis e produtores de dor. Esta situação se caracteriza metapsicologicamente como um grupo de representações associadas entre si.

---

\* Termo retirado de Martins (81).

Nele, alguns elementos tendem a ser ativados (carregados e sobre carregados de catexes) a partir de fontes somáticas, pela força do desejo, por resultarem de vivências de satisfação, enquanto outros elementos tendem a serem descarregados de catexes porque resultam de situações hostis pela falta de objeto de satisfação ou presença de objetos hostis, dotando todo o complexo representativo de capacidade de desencadear angústia quando ativado. Nesse caso se associam as duas forças antagônicas - desejo e repulsa - constituindo o primeiro conflito psíquico, o conflito psíquico básico ou inicial.

Impõe-se então a necessidade de atender a ambas as forças porque, se atendido apenas o desejo, surgirá a angústia em decorrência da dor crescente provocada pela presença do objeto que é também hostil; se atendida apenas a repulsa, igualmente surgirá a angústia como consequência do desprazer provocado pela frustração causada pela ausência do objeto que é também desejado.

Impõe-se então, a necessidade de uma solução mais complexa capaz de dotar o Aparelho Psíquico de proteção contra a ameaça de instauração de uma angústia intolerável, cuja ocorrência define uma situação traumática. Estamos frente à defesa. Para entendermos esse processo devemos recapitular (cf. p. 25 - 28) que frente a situações de perigo o Ego desencadeia um processo defensivo, reproduzindo mitigadamente a angústia, através do sinal de angústia \*, o que, por sua vez, deflagra mecanismos

\* O sinal de angústia corresponde, como vimos (p.15), à ativação, por canais associativos endopsíquicos, da estrutura afetiva que corresponde ao resíduo mnêmico de uma experiência anterior de angústia.

defensivos, com o objetivo de evitar que o Aparelho Psíquico reexperimente uma situação traumática.

Para entendermos adequadamente a defesa, devemos voltar assim nossas vistas para a organização do Sistema Psi-pallium-inibido-pelo-ego (Ego - 1923). Este sistema é composto basicamente de uma série de neurônios interconectados onde a energia psíquica se localiza. Nas vias de conexão encontram-se as "estruturas de resistência variável" que, como vimos, diminuem duradouramente pela passagem, através dela, de catexes. Essa diminuição da resistência é proporcional à quantidade energética que a superou. Dessa forma, dentro de múltiplas conexões do sistema Psi-pallium uns caminhos ficam mais facilitados que os outros\*. No sistema Psi-pallium-inibido-pelo-ego existe, também, um conjunto de neurônios fortemente facilitados entre si, com catexes acumuladas num nível constante. Essas catexes, denominadas catexes laterais do ego, também atuam sobre as "resistências interneurônicas" provocando facilitações temporárias ( cf. p. 34 ) na direção do próprio ego. A presença desse ego pode modificar portanto, o fluxo associativo anterior de Psi-pallium baseado nas facilitações permanentes.

Concluindo diríamos que, frente ao objeto ambivalente com ameaça de instauração de uma angústia intolerável, o Sistema Psi-pallium-inibido-pelo-ego desencadeia um processo defensivo. Neste esquema metapsicológico, a defesa corresponde à instalação de catexes laterais, o que, por sua vez, explica, a

---

\* O que em termos psicológicos equivale a dizer que se estabelecem associações ideativas.

nosso ver, o "deslocamento substitutivo" e que por seu turno ,  
seria, segundo nosso ponto de vista, uma primeira formação de  
compromisso na medida em que é uma condensação de forças (dese-  
jo x repulsa). Isto seria a própria imagem de repressão.

## 6 - CATEXE E ANTI-CATEXE - QUANTIDADE OU IMPULSO ?

Vimos anteriormente que, a partir da Experiência de Satisfação, a compulsão associativa - "primeiro desejo" - designa o impulso a conduzir catexes em direção ao engrama do objeto de satisfação; de igual modo existe a partir da Experiência da Dor, uma força antitética que designa o impulso a retirar as catexes que investem o engrama do objeto hostil. Em outras palavras, quando as memórias tensionais são reativadas, o sujeito tem uma compulsão ("compulsão atrativa") em relação à memória do objeto de satisfação, e quando é reativada a memória do objeto hostil o sujeito vai ter, em relação a ela, uma repulsão ("compulsão repulsiva"). Podemos então colocar como termos antitéticos: compulsão ou obsessão ou "primeiro desejo" em oposição a repulsa.

Estas colocações permitem-nos encarar as neuroses obsessiva e fóbica como pares antitéticos, quase simétricos, do desdobramento deste fenômeno. Diríamos ainda que, metapsicologicamente, a neurose obsessiva seria um "deslocamento substitutivo" de compulsão e a neurose fóbica seria um "deslocamento substitutivo" de repulsa. Ou, como veremos adiante, um "deslocamento substitutivo" de catexe e anti-catexe respectivamente.

Para que possamos justificar essa afirmativa, faz-se mister voltar nossa atenção para os conceitos freudianos de instinto e catexe.

#### O Conceito de Instinto ("Trieb")

Como temos visto, a concepção do Aparelho Psíquico co-



mo um Sistema implica na compreensão dos processos que nele se desenvolvem e das forças que o põem em movimento. Conforme já apontamos (p. 5-7), o Aparelho Psíquico está exposto a estimulação de ordem externa (exógena) e interna (endógena), sendo que esta última coloca exigências - relativas a atividades complexas capazes de modificar o mundo externo no sentido de encontrar objetos adequados à satisfação das necessidades - muito maiores ao psiquismo que a primeira e desempenham a função mais importante no funcionamento da vida mental. Esta estimulação interna procede dos estados de necessidade somática, impondo ao psiquismo forças que são referidas na teoria freudiana pelo conceito de "instinto".

Freud, em vários momentos de sua obra (47, 59, 69) expressa sua insatisfação e preocupação diante do estado do conhecimento psicológico sobre os "instintos", da obscuridade com que se revestia este conceito. Esta situação se reflete em sua obra, onde o termo também não está isento de ambigüidade, aparecendo sob diferentes empregos \*. Para efeito de nosso trabalho, adotaremos o conceito mais abrangente, e, a nosso ver, mais adequado para explicar o funcionamento da vida mental, que envolve toda uma montagem que, obedecendo ao modelo do arco reflexo, implica em elementos biológicos, psicológicos e mesológicos. Instinto ("Trieb") é, então, um conjunto de processos que se iniciam numa tensão somática de necessidade, que afetam o Sistema

---

\* Para um estudo mais detalhado e sistematizado do conceito de "Instinto" na teoria psicanalítica, ver os trabalhos de Barros, C.P. (1), Neves, M.A.M. (84), Trespalácios, F.P.B. (91), Trespalácios, R. (92).

Nervoso, atingem o psiquismo e se orientam para o mundo exterior onde encontram os objetos adequados à satisfação das necessidades (71, p. 120-121).

Ao privilegiarmos esta acepção atribuída ao termo instinto passamos, agora, a destacar os elementos que o compõem: fonte, impulso, objeto e finalidade (49, p. 142-143):

Fonte (Quelle): entidade fisiológica, de natureza talvez bioquímica ou mecânica, responsável por um processo somático - de energias químicas ou mecânicas - que atinge o psiquismo em forma de estímulo. Este processo energético instintivo - (Triebkraft, energia instintiva) - atingindo o Aparelho Psíquico, desencadeia nele um aumento do nível de tensão. O que corresponde a dizer que o Aparelho Psíquico entra em um estado tensional termodinâmico pelo aumento (acima do mínimo) do potencial termodinâmico (1).

Esta energia instintiva (Triebkraft) quando entra no Sistema Nervoso e aí é armazenada se transforma em catexe instintiva, e, particularmente no Aparelho Psíquico em catexe psíquica instintiva\*.

Impulso (Drang): é o fator motor do instinto, é a quantidade de exigência de trabalho que deriva da tensão instintiva e se impõe ao psiquismo através da tendência à descarga no sistema Psi-nuclear, o que corresponde a dizer que o aumento (aci-

---

\* Neste momento, estamos trabalhando com o termo catexe usado no sentido de carga, de quantidade de energia, como já havíamos enunciado (cf. p. 6,22). Mas, adiante introduziremos catexe em outra acepção, no sentido vetorial.

ma do mínimo) do potencial termodinâmico (pela atuação da fonte instintiva) gera uma "força generalizada" que dá a direção da transformação espontânea que removerá a diferença no potencial termodinâmico (1).

Objeto (Objekt): é um elemento do mundo real exterior capaz de fazer cessar o estado de estimulação da fonte instintiva pela satisfação da necessidade. É também uma imagem mnêmica em Psi-pallium cuja catexe perceptual funciona como um aviso para a deflagração (por parte do ego) da fase consumatória da ação específica (84, p. 39).

Finalidade (Ziel) : é sempre a satisfação, que só pode ser obtida eliminando-se o estado de estimulação na fonte do instinto (49, p. 142-143), o que implica em padrões hereditários e aprendidos de reações motoras adequadas. Apesar deste ser um elemento invariável, admite-se a existência de finalidades intermediárias e a possibilidade de um nível de satisfação parcial.

Tendo em vista as ambigüidades do conceito de "instinto" e tendo adotado sua aceção mais abrangente, abordaremos brevemente a evolução do pensamento de Freud no que diz respeito a quantos e quais instintos podem ser considerados ( Teoria dos Instintos).

A primeira distinção estabelecida situa-se no período que vai até 1911 (29, 35, 37, 47, 71) quando postula a existência de duas categorias de instintos em conflito: "Instintos sexuais" - responsáveis pela conservação da espécie - e "Instintos do ego" - responsáveis pela conservação do indivíduo. A energia

dos instintos sexuais denominou "libido".

A distinção entre "instintos sexuais e instintos do ego" mostra-se, como diz Freud, "inapropriada" (59, p. 72). Partindo de seus estudos, aproximadamente entre 1911 e 1914, sobre o narcisismo, homossexualidade e paranóia (40, 47) descobre uma fase narcisista do instinto sexual que aponta para a existência de libido no Ego. Conclui então pela existência não mais de instintos sexuais (libidinosos) e instintos de ego -, mas de um só instinto, a libido, que se orienta tanto para o Ego (libido narcísica) como para os objetos externos (libido objetal).

No momento em que isto ocorre, nova fonte de ambigüidade se introduz pelo emprego do termo libido numa multiplicidade de acepções. Esta liberdade conceitual se não é admissível cientificamente é pelo menos compreensível em termos estilísticos. "O gênero confunde-se com a espécie". Se não, vejamos.

Como vimos acima, o instinto apresenta quatro elementos que, na medida em que são seus componentes, podem ser adjetivados de instintivos. Mas, desde que os instintos são reduzidos a uma só categoria, a libido, esses mesmos elementos passam a poder ser adjetivados de libidinais. Agora, Freud vai um pouco além. Seja por comodidade ou seja por motivos estilísticos, ele toma a liberdade de substituir as expressões que continham o adjetivo "libidinal", "libidinoso" pelo substantivo libido, o que nos dá o seguinte quadro:

energia instintiva (Triebkraft) = energia libidinal =  
= libido

catexe instintiva = catexe libidinal = libido

catexe psíquica instintiva = catexe psíquica libidinal = libido

desejo instintivo (Triebregung ou Wunschregung) = desejo libidinal = libido

Agora, não consta, e porque motivo não sabemos, que Freud tenha tomado essa liberdade quando se refere ao objeto e a finalidade do instinto. Estes dois componentes do instinto são por ele poupados. Até o fim, ele se refere ao objeto como objeto da libido ou objeto libidinal e à finalidade como finalidade da libido ou finalidade libidinal, nunca substituindo estas expressões pelo substantivo "libido".

Posteriormente, observações clínicas relativas à tendência à compulsão a repetir experiências não prazerosas, levam Freud a, a partir de 1920, introduzir uma nova dicotomia na classificação dos instintos: Instinto de Vida - Eros - compreendendo tanto a libido objetal como a libido do ego e representando uma tendência à perpetuação da própria vida e da espécie; e Instinto de Morte compreendendo instintos agressivos originários do ego e representando uma tendência a regressão ao estado inorgânico.

#### O Conceito de Catexe:

Tal como ocorre com libido, o termo catexe é usado em mais de um sentido. É utilizado tanto no sentido de uma carga como no sentido de um vetor; tanto no sentido de uma quantidade de energia, de uma quantidade de excitação - seja neural ou neuro-psíquica - e como tal, sujeito de deslocamento e descarga, como no sentido de um impulso, da direcionalidade do movimento

dessa carga, dessa quantidade de energia (18, 50, 51, 68).

Freud quando procura ser mais explícito e definir catexe, propõe que catexe seja uma quantidade de energia que, apesar de ter sua origem no soma e converter-se, no fim do processo, em energia somática de novo, só recebe esta denominação quando retida, armazenada dentro do Sistema Psi, sendo, portanto, a energia total do Sistema Neurônico Psi (Psi-nuclear e Psi-pallium). Se voltarmos nossa atenção, mais uma vez, às proposições de Freud de 1895 (19) compreenderemos melhor o porque de nossa afirmativa de que catexe comporta também uma acepção vetorial.

Tal como vimos no início de nosso trabalho (p. 5-7) , Freud propõe a construção de um sistema que inclui um soma com um Sistema Nervoso hipotético, constituído de uma série de Sistemas Neurônicos acoplados, que exercem entre si uma função auxiliar, com estruturas próprias, obedecendo a um critério evolucionista. Apresentam-se subordinados a uma tendência geral do organismo (filogeneticamente determinada) a atingir um estado final característico que é a satisfação de necessidade. Este Sistema corresponde à proposta de um sistema em equilíbrio estacionário que, quando perturbado (seja por forças internas ou externas) afastando-se de sua configuração, o próprio acréscimo de potencial (no caso, termodinâmico) \* acima do mínimo gera uma força, um impulso que tende a reduzir este potencial resta-

---

\* Com um acréscimo, pois a nível de Sistema Psi-pallium-inibido pelo-ego, enquanto responsável pelo desencadeamento da ação específica, coloca-se um problema cibernético.

belecendo o equilíbrio do sistema (seja pelo retorno ao estado anterior, seja pela busca de uma nova configuração - deslocamento de equilíbrio). Em outras palavras, todas às vezes que se instala no soma uma tensão de necessidade, este potencial faz surgir no Sistema Nervoso hipotético uma força que tende a buscar o reequilíbrio do organismo, isto é, tem por finalidade a satisfação da necessidade, conseguida pelo organismo através da ação específica. Mas, como este modelo compõe-se de Sistemas Neurônicos acoplados, hierarquicamente relacionados, funcionam de maneira intercalada o que significa dizer que, a instalação de um estado de tensão em um dos elos, componentes do Sistema, induz um potencial no elo subsequente, desequilibrando-o.

Vejamos então: o afastamento de equilíbrio no organismo (tensão de necessidade) alcança os sistemas neurônicos gerando:

- . em Psi-nuclear, pela elevação do nível de catexes acima da constante, um estado de tensão (tensão nuclear) chamado de desprazer;

- . em Psi-pallium, pela diferença que se instala entre os resíduos mnêmicos da Experiência de Satisfação (da memória do desprazer para a memória do objeto e da memória do objeto para a memória cinestésica), um estado de tensão, a que denominaremos "tensão 1 de pallium", a fim de distingui-lo de sua outra acepção a que denominaremos "tensão 2 de pallium"; e, pela discrepância que se instala entre a memória do objeto e sua percepção, um estado de tensão, a que denominaremos "tensão 2 de pallium".

Como vimos na página anterior, todas às vezes que, em um sistema estacionário, se instala um potencial, este potencial faz surgir um impulso, uma força que tende a reduzir este potencial buscando o reequilíbrio do Sistema. Voltando aos Sistemas Neurônicos teríamos então:

- . para a "tensão nuclear", a "pressão à descarga" que, por sua ação permite a volta ao nível constante de catexes e, conseqüentemente, a obtenção do prazer em Psi-nuclear;

- . para a "tensão 1 de pallium", o "primeiro desejo" ou "compulsão associativa" que, por sua ação, permite manter vivas as memórias, resíduos da Experiência de Satisfação;

- . para a "tensão 2 de pallium", o impulso de desejo ("segundo desejo") que, por sua ação, permite a identidade perceptual e, conseqüentemente, a satisfação de desejo em Psi-pallium.

Se retormamos o conceito de instinto em sua acepção (mais abrangente) por nós adotada (p. ) e a submetemos ao modelo teórico do Projeto, tal como propõe Neves (84) diríamos, então, que "instinto" é um conjunto de processos que se iniciam no soma a partir de uma tensão de necessidade; alcançam o Sistema Nervoso (sistema Psi-nuclear) gerando um estado de tensão (tensão nuclear) pela elevação do nível de catexes acima da constante, sentida como desprazer; alcançam o psiquismo (sistema Psi-pallium) gerando, pela diferença que se instala entre os resíduos mnêmicos da Experiência de Satisfação, um estado de tensão ("tensão 1 de pallium") e, pela discrepância que se instala entre a memória e a percepção do objeto capaz de satisfa-



zer a necessidade, um estado de tensão ("tensão 2 de pallium"); atingem pela ação do impulso do desejo, a identidade perceptual (real ou alucinatória no Sistema Psi-pallium, e real no Sistema Psi-pallium-inibido-pelo-ego) e conseqüentemente, a satisfação do desejo ("segundo desejo") (no Sistema Psi-pallium); obtêm, pela ação da compulsão associativa ("primeiro desejo"), que a memória do objeto de satisfação se mantenha viva e, conseqüentemente, a satisfação do "primeiro desejo" (no Sistema Psi-pallium); atingem, pela ação da pressão à descarga (no Sistema Psi-nuclear) e, por meio da ação específica - reflexo adequado sobre o objeto real adequado - a satisfação da necessidade na fonte somática.

No que se refere ao Sistema Psi-nuclear em situação de tensão, estamos frente a uma categoria, a um tipo de "força generalizada", o de "energia livre" que busca pela descarga restabelecer o nível mínimo.

No que se refere ao Sistema Psi-pallium em "situação de tensão 2", quando se trata de examinar as forças que vão do sujeito ao objeto do mundo exterior, seja de satisfação ou hostil, estamos frente a uma outra categoria, a outro tipo de "força generalizada", homóloga ao conceito de "afinidade química", entalpicamente direcional e que se aproximaria do conceito de valência positiva e negativa de Lewin (83).

Focalizando mais de perto o Sistema Psi-pallium em "situação de tensão 1" (gerada pela diferença que se instala entre os resíduos mnêmicos da Experiência de Satisfação) estamos frente a uma diferença de potencial (uma memória catetizada e outra

memória a ela ligada por uma via facilitada, decaatetizada), que constitui um gradiente de catexe, expresso pela equação:

$$\nabla U = \frac{\partial u}{\partial x} i + \frac{\partial u}{\partial y} j + \frac{\partial u}{\partial z} k$$

onde U é o potencial em cada ponto. Esse gradiente de catexe gera uma força de gradiente, negativa no sentido do gradiente ( $F = - \nabla U$ ), isto é, acarretando o escoamento no sentido de anular o gradiente.

Homologamente à Experiência de Satisfação, temos que com a reenergização das memórias constituintes da Experiência da Dor, cria-se também em Psi-pallium uma diferença de potencial constituindo um gradiente e que gera uma força de gradiente. Conseqüentemente, apesar de apresentarem um histórico de instalação diferente correspondendo a dois momentos característicos e distintos (Experiência de Satisfação e Experiência de Dor), a compulsão associativa e a repulsa são uma força de gradiente tanto quanto os mecanismos de irrigação e de drenagem são baseados em forças de gradiente de pressão: um levando água outro retirando.

Pelo mesmo modo, também a anti-catexe não pode ser somente tomada como um impulso "repulsivo" mas pode de igual forma, ser referida à linguagem do Projeto e, nestes termos ser considerada também como quantidade de energia, energia originária do Soma (neurônio secretor / fonte de afeto angustioso), sujeito como tal de deslocamento e de descarga.

Sendo catexe, como vimos, a energia instintiva enquan-

to pertencente ao Sistema Psi, assume também o sentido de uma grandeza vetorial na medida em que está mergulhada na montagem, no processo que é o instinto, tendo atingido o psiquismo em forma de estímulo, desencadeando nele um aumento do nível de tensão. Neste termos, poderíamos então afirmar que catexe é a direcionalidade do movimento da catexe, logicamente implicando esta afirmação em duas noções distintas de catexe:

- i) catexe (sentido 1) - grandeza vetorial, correspondente à força, impulso;
- ii) catexe (sentido 2) - grandeza escalar, correspondendo à quantidade de energia, quantidade de excitação.

Se esta direcionalidade for determinada pelas facilitações resultantes da Experiência de Satisfação, estamos, então, frente a catexe, primeiro desejo, compulsão associativa. Se esta direcionalidade for determinada pelas facilitações resultantes da Experiência da Dor, estamos frente a anti-catexe, repulsa.

## 7 - CONCLUSÕES

Ao chegarmos ao final do presente trabalho, é nosso objetivo não só retomarmos o referencial metapsicológico por nós anteriormente explicitado e o aplicarmos ao processo etiopatogênico da neurose obsessiva, como também, baseado nesta aplicação, chegarmos à nossa ótica com relação à obsessão e à fobia. Contudo, para a consecução desses objetivos algumas clarificações sobre a neurose obsessiva são ainda necessárias.

O motivo que decide a formação da neurose obsessiva reside, segundo Freud, num fator constitucional resultante de elementos hereditários e elementos da experiência infantil situados na fase anal-sádica do desenvolvimento da organização libidinal.

"Se falta a alguém, com uma disposição (à neurose), a aptidão da conversão, mas se, entretanto, a fim de rechaçar uma idéia incompatível, ele se dispõe a separá-la do afeto dela, então tal afeto\* fica obrigado a permanecer na esfera psíquica. A idéia, agora enfraquecida, é ainda deixada na consciência, separada de toda associação. Mas seu afeto, tornado livre, liga-se a outras idéias que não lhe sejam incompatíveis; e, graças a essa "falsa conexão", tais idéias desenvolvem-se como obsessivas. Essa é, em poucas palavras, a teoria psicológica das obsessões e fobias mencionadas no início deste artigo". (8, p. 64)

\* A palavra afeto tem neste parágrafo o sentido de catexe enquanto carga, enquanto quantidade.

Temos que na formação da neurose obsessiva (assim como na histeria de angústia e histeria de conversão) a percepção de uma ocorrência (conflito ou frustração externa acidental) que possa reviver a possibilidade de reinstalação da situação traumática (real ou instintiva), produz no Ego o acionamento do sinal de angústia que leva à regressão a qual, por sua vez, possibilita a defesa, uma de cujas formas é a repressão. Na neurose obsessiva, assim como na histeria, existe "a necessidade de desviar as exigências libidinais do complexo edipiano... Mas subsequentemente ela (neurose obsessiva) é plasmada em moldes bem diferentes devido a um fator constitucional. A organização genital da libido vem a ser débil e insuficientemente resistente, de modo que, quando o ego começa seus esforços defensivos, a primeira coisa que ele consegue fazer é lançar de volta a organização genital (da fase fálica) no todo ou em parte, ao nível anal-sádico mais antigo" (68, p. 136).

Quanto ao conteúdo do material sujeito à repressão neste tipo de neurose, Freud ainda se expressa da seguinte forma:

"Aqui ficamos inicialmente em dúvida quanto ao que devemos considerar como sendo o representante instintual sujeito à repressão - se se trata de uma tendência libidinal ou hostil. Essa incerteza surge porque a neurose obsessiva tem por base uma regressão, devido a qual uma tendência sádica foi substituída por uma afetiva. É esse impulso hostil contra alguém que é amado, que se acha sujeito à repressão" (50, p. 180).

O processo da repressão torna inconsciente a idéia e/

ou o afeto<sup>\*</sup>, enviando-os para o Id. O afeto<sup>\*</sup> (quantidade de catexe) assim liberado é deslocado para outras representações e tem-se a partir daí, certas atitudes de conscienciosidade, vergonha, autodesconfiança (denominadas por Freud em 1896 (22, p. 195), como "sintoma primário de defesa" e já em 1915 (50, p.181), como "substitutos" que não equivaleriam a sintomas), que configuram um quadro de saúde aparente, mas que na realidade apontariam para o sucesso da repressão (22).

Porém, a repressão não é um processo inteiramente bem sucedido pois não atinge completamente seu objetivo, que é a evitação de angústia, uma vez que o material reprimido (idéia ou afeto) continua ameaçando o Aparelho Psíquico com a possibilidade de retorno à consciência e ao Ego, o que exige do Ego novos processos defensivos.

"O ego desvia o perigo pelo processo da repressão. O impulso instintual é, de alguma maneira, inibido, e esquecida sua causa precipitante, com suas percepções e idéias concomitantes. Isso, contudo, não constitui o fim do processo: o instinto ou reteve suas forças ou as reúne novamente ou é redespertado por alguma nova causa precipitante. Logo após, ele renova sua exigência, e, como o caminho à satisfação normal lhe permanece fechado pelo que podemos chamar de cicatriz da repressão, alhures, em algum ponto fraco, ele abre para si outro caminho ao que é conhecido como satisfação substitutiva, que vem à luz como sintoma, sem a aquiescência do ego, mas também sem sua compreensão. Todos os fenômenos da formação de sintomas podem ser justamente descritos como o "retorno do reprimido". Sua característica distintiva, contudo, é a deformação,

\* Cf. nota de rodapé p. 21 e as várias acepções do termo afeto estudadas às páginas 8 e 9.

de grandes conseqüências, a que o material que retorna foi submetido, quando comparado com o original" (72, p. 150-151).

Este retorno do reprimido gera as formações de compromisso, as representações transacionais ou condensações entre representações reprimidas e representações de conteúdo semelhante que não sejam incompatíveis com o Ego.

Se quem força a passagem para a consciência é a estrutura ideacional (memória ou representação da idéia) ocorre uma formação de compromisso entre idéias dando origem à formação de idéias obsessivas ou neurose obsessiva do primeiro tipo (22, p. 196), isto é, idéias que se impõem ao indivíduo como que por uma coação interna e que conservam parte da angústia contra a qual o indivíduo luta.

Se quem força a passagem para a consciência é também a estrutura afetiva (representação do afeto) ocorre uma formação de compromisso entre estruturas afetivas originando os afetos obsessivos - ou segundo tipo de neurose obsessiva (22, p. 197) - que, como nas idéias obsessivas impõem-se ao indivíduo como que por uma força interior sem eliminar totalmente a angústia. Esses afetos se manifestam como "vergonha, ansiedade hipocondríaca (medo das conseqüências físicas resultantes do ato que envolve a auto-acusação), ansiedade social (medo de ser socialmente punido pelo delito), ansiedade religiosa, delírios de ser observado (medo de delatar-se, em relação ao ato, diante de outras pessoas), ou medo da tentação (justificada desconfiança quanto a seus próprios poderes de resistência) e, assim por diante" (22, p.197; 50, p.181).

Como estas formações de compromisso (idéias e afetos obsessivos) não se mostram eficazes para impedir o aparecimento de angústia no Ego, este tenta impedir que tais formações se estabeleçam através da utilização de medidas preventivas a que Freud denominou de "medidas protetoras" ou "defesa secundária" \*. Se estas medidas, "que já prestaram bom serviço na luta contra as idéias e afetos obsessivos" (22, p. 197), conseguem evitar o retorno do reprimido, a obsessão das idéias e afetos é deslocada para as medidas preventivas originando a formação de uma terceira forma de neurose obsessiva: as ações ou atos obsessivos.

Nesse momento alguns pontos nos chamam a atenção, sobretudo em relação a esta "terceira classe de neurose obsessiva", pois não parecem apontar tanto na direção de um processo de condensação: (a) a referência explícita de Freud a uma regressão ao "nível anal-sádico mais antigo" (68, p. 136) sugerindo a separação entre amor e ódio e entre anal e fático expressa em conflitos de sentimentos coligados em pares (34, p. 239-240); (b) a referência constante, diríamos mesmo, a prevalência de dois grupos de atos aos que Freud se refere como "atos em dois estádios sucessivos" (34, p. 195) ou "desfazendo o que foi feito" (68, p. 134-146) em que o segundo ato neutraliza o primeiro, e "formação reativa" ou "formação de reação" (29; 34; 50, p. 181; 51, p. 212; 68) onde ocorre uma intensificação do oposto, isto é, em que frente a determinado objeto ambivalente um dos polos (do conflito) encontra-se enormemente reforçado enquanto o outro praticamente desaparece; (c) as fobias, a que nos deteremos mais especial

---

\* Este termo tem aqui um sentido meramente cronológico.



mente à frente. Todos estes pontos acima levantados sugerem-nos muito mais um processo dissociativo do que um processo de condensação ou formação de compromisso.

Se retomamos o referencial metapsicológico por nós anteriormente explicitado e o aplicamos ao processo etiopatogênico da neurose obsessiva, diríamos que, frente à ameaça de instauração de uma angústia intolerável, cuja ocorrência define uma situação traumática, o ego desencadeia um processo defensivo, possibilitado pela regressão, e que corresponde à instalação de catexes laterais.

Essas catexes laterais do ego provocam facilidades temporárias na direção do próprio ego produzindo uma modificação no fluxo associativo anterior baseado nas facilidades permanentes, o que provoca um "deslocamento substitutivo". O fluxo energético segue não mais por sua trajetória original mas desviando-se por outra via facilitada em função da substituição do engrama-meta; nesse caso, estabelecendo-se nova compulsão associativa ou uma compulsão associativa substituta, estabelecendo-se um primeiro desejo substituto. Conseqüentemente, seria mais correto afirmarmos que, o que ocorre na neurose obsessiva não é meramente o deslocamento de uma quantidade de energia - catexe (cf. p. 59) - o que nem seria de per si suficiente para explicar a constituição de material obsessivo. Com a introdução de um novo engrama-meta na cadeia associativa a partir do estabelecimento de outra via facilitada, ocorre um "deslocamento", uma "transposição" do impulso - catexe (cf. p. 59), compulsão associativa - que visa por sua ação manter vivas as memórias re

síduos da Experiência de Satisfação e conseqüentemente seus substitutos, isto é, que estas memórias sejam compulsivamente buscadas, insistentemente catetizadas.

A liberdade com que esse deslocamento ocorre vai depender do modo de funcionamento do Aparelho Psíquico, isto é, funcionamento primário (Processos Psíquicos Primários) ou secundário (Processos Psíquicos Secundários). A primarização dos processos psíquicos (regressão dos Processos Psíquicos Secundários em direção aos Processos Psíquicos Primários), possibilita a substituição da memória do objeto de satisfação pela memória de outro objeto por deslocamento de catexe, com grande grau de liberdade.

Havendo uma primarização dos processos psíquicos, há portanto, erros no manejo de estruturas que foram internalizadas, isto é, há erros quanto à idéia da realidade; diminui-se, nesse caso, a obediência a uma ou várias das estruturas internalizadas (mundo somático, físico, social e estrutura da língua) podendo haver erros nos nexos associativos entre os elementos dessas estruturas internalizadas.

A liberdade de deslocamento nos permite explicar a substituição de um engrama-meta por outro \*, e a primarização dos processos psíquicos nos permite explicar o "deslocamento

---

\* Embora não seja objeto de nosso trabalho, gostaríamos de lembrar que a substituição do objeto de satisfação por outro objeto, isto é, a distorção aperceptiva que ocorre quando um objeto é aceito como perceptualmente idêntico ao objeto do desejo infantil reprimido, inscreve-se num outro processo que nos remete ao conceito freudiano de desejo ("segundo desejo"), que designa a busca de identidade perceptual em relação ao objeto de satisfação.

substitutivo". Não fica, entretanto, explicada a dissociação expressa na gama de medidas protetoras resultantes da defesa secundária. Nesse sentido remontamos ao conceito freudiano de síntese psíquica e a conseqüente possível regressão a um estado mais primitivo de funcionamento do Aparelho Psíquico no qual esta tendência não se encontrava ainda solidificada prevalecendo a tendência à dissociação (11, p. 182; 45, p. 407; 61, p. 181-182; 63, p. 229; 75, p. 232-234).

Diríamos então que na neurose obsessiva, o "deslocamento substitutivo" se processa inicialmente de maneira condensada expresso em formações de compromisso, até que estas se mostram ineficazes para impedir o aparecimento de angústia no Ego. Frente a esta nova ameaça de reinstalação da situação traumática, nova etapa do processo defensivo se impõe, possibilitada por uma nova regressão, própria da neurose obsessiva, agora não mais no sentido da primarização dos processos psíquicos, mas no sentido de um modo mais primitivo de funcionamento do Aparelho Psíquico, de forma dissociada, contraditória.

Reconhecendo a ineficácia dos tipos de defesa por meio de condensação, de formação de compromisso para impedir a ameaça de reinstalação da situação traumática, produz-se no Ego o acionar do sinal de angústia que solicita nova regressão, agora a um nível de funcionamento dissociativo, a qual por sua vez possibilita a separação dos polos do conflito (desejo e repulsa) e seu conseqüente deslocamento.

Diríamos então que a defesa secundária é a defesa que resulta deste processo de dissociação, de cisão.

Focalizando agora mais de perto o problema das fobias vemos que Freud manifesta uma certa incerteza, chegando mesmo a qualificar de "obscuro" seu mecanismo (20, p. 154-155). Mas por trás dessa dificuldade e pouca clareza aludida por Freud, podemos observar uma mesma linha de pensamento reaparecendo na maioria de seus trabalhos o que nos permitirá apresentar nossa proposta de reconstituição do modelo freudiano sobre a patogeniadas fobias de defesa.

Em seu primeiro artigo sobre as neuropsicoses de defesa Freud atribui o mesmo mecanismo "transposição de afeto a maior parte das fobias e obsessões" (8, p. 70) dele excluindo o que chama de "fobias puramente histéricas" e "o grupo de fobias típicas, das quais a agorafobia é um modelo" (8, p. 70 nota de rodapé). Esta última distinção tornou-se relevante na medida em que implicou posteriormente numa distinção sistematizada entre fobias de base psíquica (defensivas) e fobias (típicas) sem qualquer base psíquica. Já no ano seguinte, em seu artigo *Obsessões e Fobias* a distinção anteriormente estabelecida entre os dois grupos de fobias é deixada de lado, passando a ser feita entre as "obsessões", psiquicamente baseadas, e as "fobias", não psiquicamente baseadas. Conseqüentemente, "o mecanismo das fobias é em tudo diferente daquele das obsessões. A substituição não é mais o traço predominante nas primeiras; a análise psicológica não revela qualquer idéia incompatível substituída nelas". (9, p. 96). Mas, a partir de seu artigo sobre a neurose de angústia Freud passa a reafirmar, de maneira definitiva apesar de pouco sistematizada, o que havia pressentido em 1894 (8), isto é, a

possibilidade de explicação de uma classe de fobias (as de defesa) em termos de substituição e substituição como defesa. Neste seu artigo sobre a neurose de angústia volta-se para a distinção entre as fobias pertencentes à neurose obsessiva (presença de base psíquica) e as fobias pertencentes à neurose de angústia (ausência de base psíquica). "A relação dessas fobias com as fobias da neurose obsessiva, cujo mecanismo esclarecí em um artigo anterior \* neste periódico, é da espécie que se segue. O que elas tem em comum é que, em ambas, uma idéia se torna obsessiva porque a ela se liga um afeto disponível. O mecanismo de transposição de afeto mantêm-se, portanto, para ambas as fobias. Contudo, nas fobias da neurose de angústia... o afeto não se origina de uma idéia reprimida, mas mostra não ser posteriormente redutível pela análise psicológica, nem equacionável pela psicoterapia. Portanto, o mecanismo de substituição não se mantêm para as fobias da neurose de angústia" (10, p. 114).

Em seu segundo artigo sobre as neuropsicoses de defesa (22), ao discutir a fase da defesa secundária, caracterizada pelas medidas protetoras entre as quais se destacariam as fobias, Freud atribui seu mecanismo a uma "transferência de obsessão" (22, p. 197-198).

Após este período (1894-1896), Freud só volta a discutir o tema das fobias vários anos depois. Inicialmente apresentando uma abordagem clínica das fobias (33, 48), que é retomada em "Inibições, Sintomas e Ansiedade" com a elucidação do meca-

---

\* Freud refere-se, segundo Strachey, às "Neuropsicoses de Defesa".

nismo das fobias típicas pertencentes ao quadro da neurose de angústia, e mais tarde, em seus artigos metapsicológicos sobre "Repressão" e "O Inconsciente" onde entra em uma discussão detalhada da metapsicologia do mecanismo que produz as fobias defensivas, reafirmando a presença do deslocamento (50, p. 178-181 ; 51, p. 208-212).

Diríamos então, que, assim como as obsessões, as fobias de defesa podem ser explicadas em termos de substituição, e substituição como defesa.

Nossa proposta é que as obsessões e as fobias são como dois lados de uma mesma moeda. Tanto uma como a outra são respostas à ineficácia da condensação na evitação do aparecimento da angústia. Tanto uma como a outra são resultantes do deslocamento substitutivo a partir da regressão a um modo de funcionamento dissociativo que possibilita a separação dos polos do conflito. Se o que é "deslocado" é o impulso - catexe, compulsão associativa, primeiro desejo - estamos frente à obsessão. Se o que é deslocado é o impulso - anti-catexe, repulsa - estamos frente à fobia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - BARROS, C.P. Thermodynamic and Evolutionary concepts in the formal structure of Freud's metapsychology. In: ARIETI, S(ed) The world biennial of psychiatry and psychotherapy. New York, Basic Books, 1971, v.1, p.72-111.
- 2 - \_\_\_\_\_. Contribuição a controvérsia sobre o ponto de vista econômico. Conscientia. Petrópolis, Editora Vozes, (2): 41-75, 1975.
- 3 - BORGES, M.L. O conceito de realidade na metapsicologia. Tese apresentada na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1976 - mimeografada.
- 4 - BOWLBY, J. La separación afectiva. Buenos Aires, Paidós, 1976.
- 5 - FLORES, V.M.P. Repressão e recusa: aspectos clínicos e metapsicológicos. Tese apresentada na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1973 - mimeografada.
- 6 - FREUD, S. Um caso de cura pelo hipnotismo (1892-1893). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977, v. 1, p. 171-185.
- 7 - \_\_\_\_\_. Charcot (1893). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v. 3, p. 21-34.
- 8 - \_\_\_\_\_. As neuropsicoses de defesa (1894). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.3, p. 57-73.
- 9 - \_\_\_\_\_. Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia (1895 - [1894]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v. 3, p. 89-97.

- 10 - FREUD, S. Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada "Neurose de angústia" (1895 - [1894]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.3, p.107-135.
- 11 - \_\_\_\_\_. Estudos sobre histeria (1893-1895). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1974, v.2.
- 12 - \_\_\_\_\_. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Rascunho (B) (1950 - [1893]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977, v.1, p. 247-255.
- 13 - \_\_\_\_\_. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Rascunho (E) (1950 - [1894]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977, v.1, p. 261-269.
- 14 - \_\_\_\_\_. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Rascunho (F) (1950 - [1894]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977, v.1, p. 269-274.
- 15 - \_\_\_\_\_. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Rascunho (G) (1950 - [1895]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977, v.1, p. 275-283.
- 16 - \_\_\_\_\_. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Rascunho (J) (1950 - [1895]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977, v.1, p. 295-299.
- 17 - \_\_\_\_\_. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Rascunho (K) (1950 - [1896]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977, v.1, p. 299-311.



- 18 - FREUD, S. Cartas a Wilhelm Fliess, manuscritos e notas de los años 1887 a 1902 - carta (52) del 6/12/1896. In: Obras Completas. Buenos Aires, Santiago Rueda Editor , 1956, v. 22, p. 207-215.
- 19 - \_\_\_\_\_. Projeto para uma psicologia científica (1950 - [1895]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977, v.1, p. 395-510.
- 20 - \_\_\_\_\_. Uma réplica às críticas do meu artigo sobre neurose de angústia (1895). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.3, p. 143-160.
- 21 - \_\_\_\_\_. Hereditariedade e a etiologia das neuroses (1896). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v. 3, p. 165-179.
- 22 - \_\_\_\_\_. Novos comentários sobre as neuropsicoses de defesa (1896). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.3, p. 187-211.
- 23 - \_\_\_\_\_. A etiologia da histeria (1896). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.3, p. 217-249.
- 24 - \_\_\_\_\_. A sexualidade na etiologia das neuroses (1898). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora , 1976, v.3, p. 289-312.
- 25 - \_\_\_\_\_. Lembranças encobridoras (1899). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v. 3 ,p. 333-354.
- 26 - \_\_\_\_\_. A interpretação de sonhos (1900). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1972, v.4 e 5.

- 27 - FREUD, S. A psicopatologia da vida cotidiana (1901). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v. 6.
- 28 - \_\_\_\_\_. Sobre a psicoterapia (1908 - [1904]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1972, v. 7, p. 267-278.
- 29 - \_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1972, v.7, p. 129-240.
- 30 - \_\_\_\_\_. Meus pontos de vista sobre o papel desempenhado pela sexualidade na etiologia das neuroses (1906-[1905]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1972, v. 7, p. 283-292.
- 31 - \_\_\_\_\_. Delírios e sonhos na Gradiva de Jansen (1907-[1906]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v. 9, p. 17-98.
- 32 - \_\_\_\_\_. Atos obsessivos e práticas religiosas (1907). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v. 9, p. 121-131.
- 33 - \_\_\_\_\_. Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (1909). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977, v. 10, p. 15-154.
- 34 - \_\_\_\_\_. Notas sobre um caso de neurose obsessiva (1909). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1977, v. 10, p. 155-317.

- 35 - FREUD, S. Cinco lições de psicanálise (1910 - [1909]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1970, v.11, p. 13-51.
- 36 - \_\_\_\_\_. As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica (1910). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1970, v.11, p. 125-136.
- 37 - \_\_\_\_\_. A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão (1910). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1970, v.11, p. 197-203.
- 38 - \_\_\_\_\_. Psicanálise silvestre (1910). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1970, v. 11, p. 207-213.
- 39 - \_\_\_\_\_. Dois exemplos de fantasias patogênicas reveladas pelos próprios pacientes (1910). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1970, v. 11, p. 223-224.
- 40 - \_\_\_\_\_. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Dementia Paranoides) (1911). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1969, v. 12, p. 23-108.
- 41 - \_\_\_\_\_. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental (1911). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1969, v. 12, p. 277-286.
- 42 - \_\_\_\_\_. A dinâmica da transferência (1912). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1969, v. 12, p. 133-143.

- 43 - FREUD, S. Tipos de desencadeamento da neurose (1912). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1969, v.12, p. 291-299.
- 44 - \_\_\_\_\_. Recomendações ao médicos que exercem a psicanálise (1912). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1969, v. 12, p. 149-159.
- 45 - \_\_\_\_\_. A disposição à neurose obsessiva - uma contribuição ao problema da escolha da neurose (1913). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1969, v. 12, p. 399-409.
- 46 - \_\_\_\_\_. Observações sobre o amor transferencial (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III) (1915-[1914]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1969, v. 12, p. 208-221 .
- 47 - \_\_\_\_\_. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1974, v. 14, p. 89-119.
- 48 - \_\_\_\_\_. História de uma neurose infantil (1918-[1914]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora , 1976, v. 17, p. 19-151.
- 49 - \_\_\_\_\_. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1974, v. 14, p. 137-162.
- 50 - \_\_\_\_\_. A repressão (1915). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1974, v. 14, p. 169-182.

- 51 - FREUD, S. O inconsciente (1915). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1974, v. 14, p.191-233.
- 52 - \_\_\_\_\_. Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos (1917 - [1915]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1974, v. 14, p. 253-267.
- 53 - \_\_\_\_\_. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1917 - [1916 - 1917]) - Conferência XVIII. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.16, p. 323-336.
- 54 - \_\_\_\_\_. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1917 - [1916 - 1917]) - Conferência XIX. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v. 16, p. 337-354.
- 55 - \_\_\_\_\_. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1917 - [1916 - 1917]) - Conferência XXII. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v. 16, p. 397-417.
- 56 - \_\_\_\_\_. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1917 - [1916-1917]) - Conferência XXIII. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v. 16, p. 419-439.
- 57 - \_\_\_\_\_. Conferências introdutórias sobre psicanálise (1917 - [1916 - 1917]) - Conferência XXV. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v. 16, p. 457-479.

- 58 - FREUD, S. Linhas de progresso na terapia psicanalítica (1919 - [1918]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v. 17, p. 201-211.
- 59 - \_\_\_\_\_. Além do princípio do prazer (1920). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v. 18, p. 17-85.
- 60 - \_\_\_\_\_. O ego e o id (1923). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v.19, p. 23-76.
- 61 - \_\_\_\_\_. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade (1923). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v. 19, p. 179-184.
- 62 - \_\_\_\_\_. Neurose e psicose (1924 - [1923]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v. 19, p. 189-193.
- 63 - \_\_\_\_\_. A perda da realidade na neurose e na psicose (1924). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v. 19, p. 229-234.
- 64 - \_\_\_\_\_. O problema econômico do masoquismo (1924). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v. 19, p. 199-212.
- 65 - \_\_\_\_\_. A dissolução do complexo de Edipo (1924). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v. 19, p. 217-224.

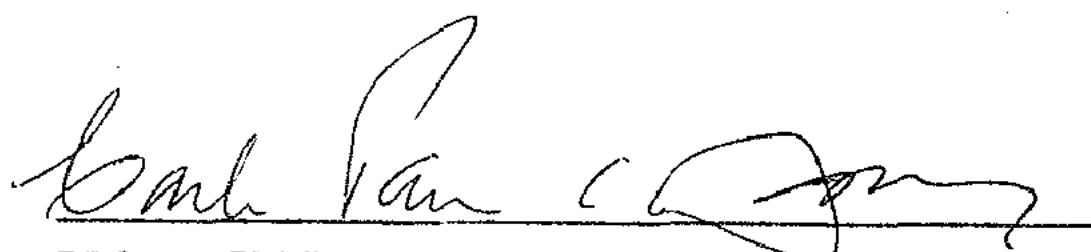
- 66 - FREUD, S. Um estudo autobiográfico (1925 - [1924]). In : Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v. 20, p. 17-92.
- 67 - \_\_\_\_\_. A negativa (1925). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v. 19, p. 295-300.
- 68 - \_\_\_\_\_. Inibições, sintomas e ansiedade (1926). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v. 20, p. 107-198.
- 69 - \_\_\_\_\_. Psicanálise (1926). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v. 20, p. 301-309.
- 70 - \_\_\_\_\_. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1933 - [1932]) - Conferência XXXI. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v. 22, p. 75-102.
- 71 - \_\_\_\_\_. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1933 - [1932]) - Conferência XXXII. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976, v. 22, p. 103-138.
- 72 - \_\_\_\_\_. Moisés e o monoteísmo (1939 - [1934-1938]). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1975, v. 23, p. 13-161.
- 73 - \_\_\_\_\_. Análise terminável e interminável (1937). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1975, v. 23, p. 247-287.

- 74 - FREUD, S. Construções em análise (1937). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1975, v. 23 , p. 291-304.
- 75 - \_\_\_\_\_. Esboço de psicanálise (1940 - [1938]). In : Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro, Imago Editora , 1975, v. 23, p. 169-237.
- 76 - GARMA, A. El psicoanálisis: teoria, clinica y tecnica . Buenos Aires, Editorial Paidós, 1971.
- 77 - GREEN, A. La concepción psicoanalítica del afecto. 5. ed. México; Siglo Veintiuno editores S.A., 1975.
- 78 - GREENSON, R.R. Phobia, anxiety and depression (1959). In: GREENSON, R.R. Explorations in psychoanalysis-collected works. New York, International Universities Press Inc., 1978, p. 133-145.
- 79 - LAPLANCHE, J & PONTALIS, J.B. Vocabulário de Psicanálise. Lisboa, Moraes Editores, 1970.
- 80 - MALAN, A.M.R. O conceito de regressão na teoria freudiana Tese apresentada na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1975, mimeografada.
- 81 - MARTINS, A.M.M.C. Transferência e relação real no processo terapêutico: Os fenômenos clínico-psicológicos e uma tentativa de explicação metapsicológica - Tese apresentada na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977. Mimeografada.
- 82 - MULLER, E.C. A metapsicologia de Sigmund Freud como uma neuropsicologia - Tese apresentada na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro , 1976. Mimeografada.
- 83 - NEVES, M.A.C.M. Correspondência formal entre modelos psicodinâmicos de S. Freud e Kurt Lewin. Tese apresentada na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1972. Mimeografada.



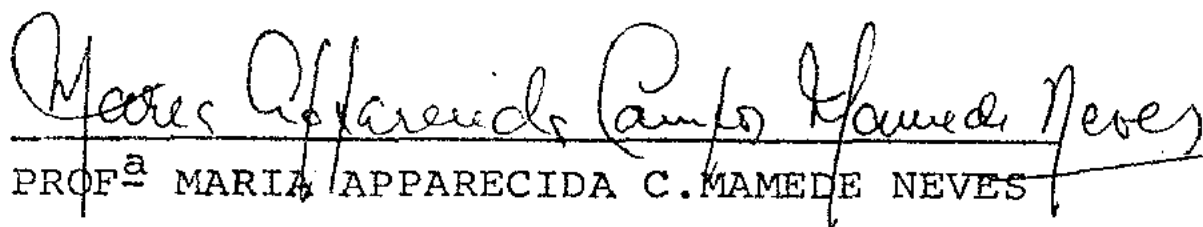
- 84 - NEVES, M.A.C.M. O conceito de sublimação na teoria psicanalítica. Rio de Janeiro, Editora Rio, 1977.
- 85 - PESSOTTI, I. Ansiedade. São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária Ltda., 1978.
- 86 - PRIBRAM, K.H. & GILL, M.M. Freud's "project" re-assessed. New York, Basic Books, 1976.
- 87 - RABELO, M.A. Metapsicologia do efeito da interpretação psicanalítica. Tese apresentada na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1976. Mimeo grafada.
- 88 - SÁ EARP, A.C. Uma reavaliação metapsicológica dos conceitos de defesa, repressão e resistência. Tese apresentada na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1973. Mimeografada.
- 89 - SEVÁ, A.M.L. Angústia e repressão: um estudo crítico do ensaio inibição-sintoma e angústia. Tese apresentada na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1975. Mimeografada.
- 90 - TEIXEIRA, M.S. Angústia e processo analítico: uma avaliação crítica do modelo freudiano. Tese apresentada na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977. Mimeografada.
- 91 - TRESPALÁCIOS, F.P.B.M. O processo da cura na psicoterapia psicanalítica: uma tentativa de sistematizar o modelo freudiano. Tese apresentada na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1979. Mimeo grafada.
- 92 - TRESPALÁCIOS, R.M.P.M. Narcisismo, identificação e constituição do "ego". Tese apresentada na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1979. Mimeografada.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/  
RJ, fazendo parte da banca examinadora os seguintes professo-  
res:

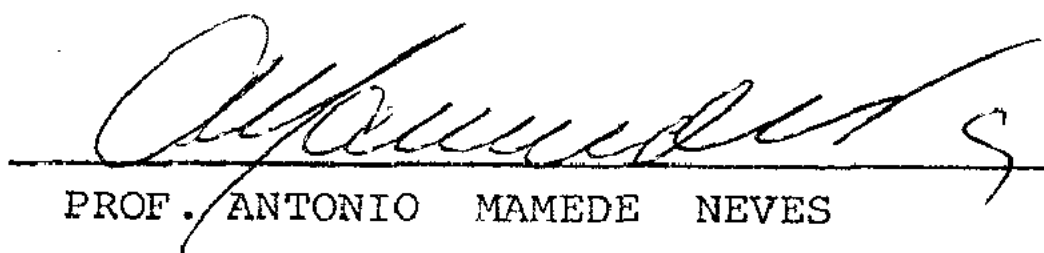


PROF. CARLOS PAES DE BARROS

(ORIENTADOR)



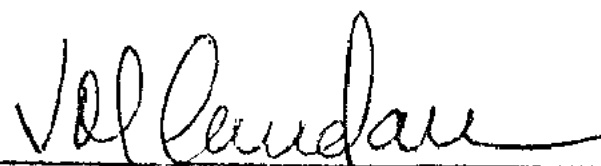
PROF<sup>a</sup> MARIA APARECIDA C. MAMEDE NEVES



PROF. ANTONIO MAMEDE NEVES

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 12/05/80



PROF<sup>a</sup> VERA MARIA FERRÃO CANDAU

COORDENADORA DOS PROGRAMAS DE PÓS-  
GRADUAÇÃO DO CENTRO DE TEOLOGIA E  
CIÊNCIAS HUMANAS: